PETRONIO

MARCELLINO MESQUITA

PETRONIO

PEÇA LIVREMENTE EXTRAHIDA DO ROMANCE

QUO VADIS

DE

HENRYK SIENKIEWICZ

LISBOA

MANUEL GOMES, EDITOR

Livreiro de Suas Magestades e Altezas

61 — RUA GARRETT (CHIADO) — 61

M DCCCC I

Esta peça foi representada, pela primeira vez, no theatro D. Amelia, na noite de 8 de março de 1901. Foram os interpetres:

Petronio, poeta satyrico	*Eduardo Brazão*
Néro, imperador romano	*Augusto Rosa*
Paulo de Tarso, apostolo christão	*João Rosa*
Marcos Vinicio, consul, sobrinho de Petronio	*Luiz Pinto*
Chilon, philosopho charlatão	*A. Pinheiro*
Tigelino, chefe dos pretorianos, rival de Petronio	*A. Antunes*
Senécion, patricio romano	*Carlos Bayard*
Vitelio, idem	*João Gil*
Lucano, poeta	*Henrique Alves*
Vatino, intendente das festas	*F. Senna*
Domicio	*A. Sampaio*
Musonio, philosopho e poeta	*F. Salles*
Ursus, escravo lygio	*Alfredo Santos*
Pitagoras, ephebo, favorito de Néro	*Maria Ferreira*
Nerva, patricio de Cumas	*Alvaro Cabral*
Lucio, idem	*S. Ayres*
Seneca, philosopho	*J. Reis*
Teiresias, liberto de Petronio	*A. Quaresma*
Um escravo de Petronio	*Antonio Silva*
1.º Rabbino	*Salles*
2.º Rabbino	*A. Pedro*
Gulon, liberto de Vinicio	*A. Silva*
Outro escravo	*N. Gomes*
Timon, gladiador	*N. N.*
Croton, idem	*N. N.*
1.º Senador	*J. Subtil*
2.º Senador	*Germano*
Poppéa, concubina de Néro	*Maria Pia*
Eunice, escrava de Petronio	*Maria Falcão*
Actéa, ex-amante de Néro	*Angela Pinto*
Lygia, donzella christã	*Amelia Pereira*
Calvia, dama romana	*Elvira Costa*
Nigidia, idem	*F. Salazar*
Crispinilla, idem	*C. de Sousa*
Flavia, idem	*Elvira Santos*
Pomponia, idem	*A. O'Sullivand*
Lucrecia, idem	*Maria Ferreira*
Julia, dama cumense	*Candida*
Octavia, idem	*M. Ferreira*

Senadores, palacianos, ephebos, pretorianos, escravos, augustanos, povo romano, gladiadores, damas da côrte, escravas, etc., etc.

ACTO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

Casa de Petronio em Roma. A um lado, a estatua de Petronio, em marmore. Sobre uma meza, frascos varios de aguas, de oleos; escovas, pentes, ferros de frisar. Duas escravas ethiopes e duas brancas, o rodeiam. As negras acabaram de o pentear.

ESCRAVA BRANCA

Que manto? (as escravas negras sahem)

PETRONIO

O azul. (a escrava sahe e traz)

EUNICE, que, de joelhos, compõe a tunica

Bello... como um Deus!

PETRONIO, sorrindo, delicado

«Animal impudens», de Séneca.

O INTRODUCTOR

O consul Marcos Vinicio.

PETRONIO

Oh!

MARCOS grave

Salve, Petronio!

PETRONIO

Salve. Sê bem vindo em Roma. Que o repouso te seja grato depois da guerra.

MARCOS

Que os Deuses te sejam propicios, sobre tudo Asclépias e Cypris.

PETRONIO

Que o tal Asclépias me perdôe; não tenho fé n'elle. Um Deus cuja mãi se ignora! Sabe-se lá se é filho de Arsinoé ou de Corónida? Que fará do pai! Quem, por estes tempos que correm, pode ter a certeza de ser filho... do pai? (Marcos, ri contrafeito) Estás preocupado?

MARCOS

... Não.

PETRONIO

Dos Asclepiades já tive de me servir, o anno

passado... para a bexiga. Sabia que eram charlatães; mas o mundo repousa sobre o charlatanismo e a vida mesmo não é senão uma illusão! O que é precizo é saber distinguir as bôas illusões das más. Eu mando aquecer a minha estufa com madeira de cedro, pulverisada com ambar, porque prefiro os perfumes aos máus cheiros. Quanto a Cypris, a quem me recomendaste, devo-lhe o ter coxeado, amorosamente, dois mezes; mas, emfim, é uma bôa deusa a quem espero sacrificarás, em breve, as brancas pombas.

MARCOS

Talvez. Se as flechas dos Parthas me não alcançaram, em compensação, fui tocado pelas do Amôr, d'uma maneira imprevista.

PETRONIO

Sim?

MARCOS

A dois passos das portas de Roma.

PETRONIO

Pelas Graças! conta-me isso.

MARCOS

Tanto mais que precizo do teu conselho...

PETRONIO

E' escusado perguntar se o teu amôr é correspondido! (olhando-o) Se Lysias te tem conhecido, ornavas, hoje, a porta do Palatino sob a fórma d'um Hercules juvenil. (Eunice offerece-lhe e põe-lhe o manto)

MARCOS (olhando a escrava)

Por Zeus, que bella escolha! Mais bello corpo não se encontrará nem em caza do Barbas de Bronze, d'esse famoso Nero, teu amigo.

PETRONIO

Tu és meu parente. . e eu não sou egoista; nem tão austero, como um Aulo Plancio. . .! Se queres. . . ?

MARCOS

Como te veio á ideia Aulo Plaucio? E' d'elle que te venho fallar.

PETRONIO

Estarás, tu, por acaso enamorado de Pomponia, sua mulher? Diabo! Velha. . . virtuosa. . . Lamento-te.

MARCOS

Não é de Pomponia. Oh! Não!

PETRONIO

De quem?...

MARCOS

Nem sei. Nem sei mesmo o seu nome. Lygia? Calina? Chamam-lhe Lygia porque é do paiz dos Lygios; mas o seu nome barbaro é Calina. Estive doente em caza d'esse Plancio, por um accidente de viagem...

PETRONIO

Qual?

MARCOS

Desloquei um pé, n'uma queda do cavallo... E' uma caza estranha: cheia de gente e silenciosa como um bosque sagrado. Durante quinze dias, ignorei que uma deusa a habitasse. Vi-a, uma manhã, a banhar-se n'um tanque, sob as arvores. E... juro-te pela espuma d'onde nasceu Aphrodite... os raios da Aurora brincavam atravez do seu corpo! Julguei-a uma apparição, uma sombra que os raios do sol nascente dissipassem, como um crepusculo! Desde então, não tive mais tranquilidade; não tive mais descanso; não tive outro desejo; não vejo outra mulher! Tudo me merece desprezo; o oiro, os bronzes de Corintho... Aborreço os vinhos, os festins; só vejo, só quero Lygia! O mundo para mim é ella... e só ella!

PETRONIO

E' uma escrava de Plaucio? Compra-lh'a.

MARCOS

Não é uma escrava.

PETRONIO

Uma liberta, então?

MARCOS

Se nunca foi escrava, como pode ser liberta?

PETRONIO

Quem é, pois?

MARCOS

A filha d'um rei.

PETRONIO

Hein? Começas a intrigar-me...

MARCOS

E' filha de Vanio, rei dos Suévos.

PETRONIO

O que teve guerras, no tempo de Claudio?...

MARCOS

Com os sobrinhos; que levantaram, contra

elle os Lygios, terriveís na rapina. Claudio, temendo pelas fronteiras, mandou Hister, legionario do Danubio, que vigiasse para que a paz não fôsse alterada. Hister exigiu aos Lygios a promessa de não invadirem à fronteira, e, como refem recebeu a filha e a mulher do chefe.

PETRONIO

D'onde sabes, tu, isso?

MARCOS

Contou-m'o Plaucio, elle proprio. Na guerra o rei dos Lygios morreu. Hister ficou com a mãi e a filha. A mãi morreu pouco depois, e Hister para se desembaraçar da creança, mandou-a a Pomponio, governador da Germania e vencedor dos Gathes. Quando Pomponio entrou em Roma, em triumphador, a pequena Lygia seguia o seu carro; mas como era um refem e não uma escrava, Pomponio entregou-a a sua irmã, mulher de Aulo. N'esta caza onde tudo respira virtude, cresceu, tão virtuosa e tão pura, que ao pé d'ella, Poppêa, que passa pela mulher mais bella de Roma, é como um figo do outomno, ao pé d'um pômmo das Hesperides!

PETRONIO

E, então?

MARCOS

Repito-te, desde que vi a luz brincar atravez do seu corpo...

PETRONIO

Ella é então transparente como uma lampreia...!

MARCOS

Não gracejes, Petronio.

PETRONIO

Pois bem, diz-me o que queres, claramente.

MARCOS

Quero Lygia! Quero que os meus braços a apertem; que a minha bôcca respire na sua bôcca! Se fosse uma escrava daria por ella cem virgens! Quero-a, eis tudo! Têl-a, guardál-a, até que a minha cabeça branquêje como a crista do Sorate, no hinverno!

PETRONIO

...Se não é uma escrava, é, em todo o caso uma rapariga abandomnada. Plaucio póde ceder-t'a, se quizer.

MARCOS

Não conheces Plancio nem Pomponia sua mulher? De resto, amam-na como filha!

PETRONIO

Pomponia? conheço: é um cypreste! Tem o ar de quem vive n'um cemiterio. Mas é, diga se, mulher d'um homem só; o que faz que entre as nossas romanas, quatro e cinco vezes divorciadas, seja uma phenix!

MARCOS

Mas... Petronio...

PETRONIO

Que queres que te diga, meu caro Marcos? Conheço muito bem Aulo Plaucio, como elle conhece o meu modo de pensar e o meu modo de viver. Se pensas que poderei obter alguma coisa d'elle, francamente, parece-me que te enganas.

MARCOS

O teu espirito é inexgotavel em expedientes...

PETRONIO

Exageras.

MARCOS

Todo o mundo te conhece.

PETRONIO

Como o rei da elegancia? sim. E' o meu reino.

Se fosse o da Lygia eu não teria senão prazer em te offerecer a minha filha, bello e amoroso consul.

MARCOS

Não fallarás a Plaucio?

PETRONIO

... Não. É inutil. Mas... fallarei a Cezar.

MARCOS

Melhor ainda...

PETRONIO

Se Lygia é um refem, Cezar pode dispôr d'ella, pode offerecer-t'a.

MARCOS

Fallar-lhe-has, então?

PETRONIO

Sim.

MARCOS

Hoje mesmo?

PETRONIO

Hoje... talvez. E' precizo esperar accasião de o poder louvar, pelo canto, ou pelos versos, ou pela aptidão de cocheiro, de actôr... A proposito, fazes versos?

MARCOS

Nunca pude arranjar um hexametro.

PETRONIO

Não tocas cithara, nem alaúde?

MARCOS

Não.

PETRONIO

Não guias um carro?

MARCOS

Tomei, uma vez, parte n'umas corridas em Antiochia; mas fui infeliz.

PETRONIO

Bem. Estou descançado a teu respeito. O melhor é não fazer nenhuma d'essas coisas e admiral-as, muito, nos outros... sobretudo em Cezar. És bello e Proppêa pode agradar-se de ti. E' um perigo. Nero não t'o supportaria. É verdade que Poppêa está uma mulher experiente: d'amôr os dois primeiros maridos saciaram-na; Nero é para outra coisa.

MARCOS

Que é feito de Othon?

PETRONIO

O terceiro? O pobre homem ama-a ainda loucamente. Anda a choral-a sobre os rochedos da Hespanha. E, dizem, que de tal modo perdeu os

habitos da galanteria, que hoje, com o penteado, só gasta tres horas por dia!

MARCOS

Eu, no caso d'elle, fazia outra coisa.

PETRONIO

O quê?

MARCOS

São valentes e duros soldados os da Iberia! Recrutaria umas legiões fieis...

PETRONIO

Marcos, Marcos! Essas coisas fazem-se, mas não se dizem, nem como hypotheses... Eu, no logar d'elle, rir-me-hia de Poppêa e de Nero: arranjava uma legião, mas não era de homens, era de mulheres!... (Eunice entra com um frasco.) Ah! a verbena. (deita nas mãos e esfrega as fontes) Não imaginas como isto vivifica, dá fôrça!

MARCOS

Mas... Lygia...

PETRONIO

Sim, homem, descança.

MARCOS

Não posso, Petronio. Se eu não consigo comer nem dormir! Vou passeiar um pouco pela cidade, mover-me, andar, distrahir-me...

PETRONIO, *reparando*

E' verdade, tu não fizeste a barba, hoje!

MARCOS

Nem hontem!

PETRONIO, *toma-lhe o pulso*

Tens febre. Escuta. Eu não sei o que te prescreveria um medico, um d'esses asclepiades; mas sei o que eu faria no teu logar. Sim .. eu sei o que é o amor, e, que quando se deseja uma mulher, nenhuma outra a póde substituir! A belleza, porém, encanta sempre; e uma bella escrava...

MARCOS

Não, não quero.

PETRONIO

A novidade faz esquecer... por um novo desejo... (*Pondo a mão no hombro de Eunice, que lhe offerece, de novo a verbena*) Repara, um pouco, n'esta filha de Cós. Ha dias, o joven Fonteio offerecia-me por ella tres admiraveis éphebos: tres

maravilhas dignas do pincel de Scopas! (olhando-a com interesse) E' curioso; como não dei ha mais tempo pelos seus encantos? No entanto, dou-t'a, leva-a.

MARCOS, apertando a cabeça

Não, não a quero: não quero ninguem! Obrigado. Vais d'aqui ao Palatino, ao palacio de Cesar?

PETRONIO

Vou.

MARCOS

Bem... Voltarei mais tarde. Vou á outra margem do Tibre..

PETRONIO

Não. Vais almoçar comigo. Eunice?

EUNICE

Meu senhôr.

PETRONIO

Tomarás o teu banho: ungirás o teu corpo, com os melhores perfumes, e irás para casa da Marcos Vinicio.

EUNICE, ajoelhando-se

Ó, meu senhor, não! Não me façais sahir da

vossa casa! Prefiro ser, aqui, a ultima das vossas escravas! ser açoitada todos os dias, contanto que me não deis a ninguem! Não posso, tende piedade de mim! Não posso! não posso!

PETRONIO, surprehendido

Hein?

EUNICE

Repito-vol-o, senhôr. Não irei para caza de Marcos Vinicio. Não sahirei de vossa casa. Tende piedade! Sêde bom, como sois!

PETRONIO

Vai chamar Teirésias. (Eunice sahe)

MARCOS

Petronio, eu não a quero. Nem a ella nem a nenhuma. Deixa...

PETRONIO (brandamente)

Uma escrava!

MARCOS, vendo entrar Eunice e Teirésias senta-se a lêr

Perdôa-lhe.

PETRONIO, a Teirésias

Leva Eunice, e dá-lhe quinze chibatadas. (baixo) Com geito para lhe não estragares a pelle. (a Marcos) O que lês?

MARCOS

O teu livro: o Satyrikon. Já não fazes versos?

PETRONIO

Não. Desde que Nero é poeta e os faz... É perigoso.

MARCOS

Se amasses!

PETRONIO

Hoje? Ser-me-hia precizo encontrar... uma Lygia.

MARCOS

Uma deusa! Alcançar-ma-has, Petronio?

PETRONIO

Será tua. Quanto se pode responder por Cezar, respondo.

MARCOS

Tu és filho de minha irmã e por isto me foste sempre muito caro; mas, agora, collocarei, nos meus lares, uma estatua tua, (indicando a estatua de Petronio) tão bella como esta e offerecer-lhe-hei sacrificios. (vendo a) Tu és verdadeiramente bello, Petronio! Se Páris era assim, Helena teve razão na escolha.

PETRONIO

Chamam-me o Rei da Elegancia, Marcos. (Eunice entra de semblante alegre) Recebeste as chibatadas?

EUNICE

Sim, meu senhor, quinze, só!

PETRONIO

Só! (a Marcos) Não comprehendes?

MARCOS

Não.

PETRONIO

Comprehendo eu. (a Eunice) Tu tens um amante, aqui?

EUNICE, joelhando-se-lhe aos pés

Sim, senhor! (inclina a cabeça)

PETRONIO

Quem é? (Eunice inclina mais a cabeça, silenciosa) Quem é? (repara na mulher) Hei-de sabêl-o. (a Marcos) Vamos almoçar. (Pôe-lhe a mão sobre o hombro, olha com interesse Eunice) Vamos. (Sahem)

(Eunice deixa-os sahir. Levanta se. Toma por disfarce o frasco da verbena e, fingindo sahir, espreita. Não vendo

ninguem, volta, toma a cadeira onde se sentou Petronio; colloca-a ao pé da estatua; sobe, abraça o marmore e, ao mesmo tempo em que os cabellos loiros lhe cahem pelas costas, colla os labios aos labios da estatua).

O PANNO DESCE

QUADRO SEGUNDO

Triclinio. (Çaza de jantar no palacio de Néro.) No 1.º plano tres mezas, em ferradura, com os competentes leitos e cadeiras. A' esquerda uma balaustrada que se suppôe dar para uma escada, inferior, de entrada. As mezas estão promptas: os tocheiros accesos. Grande movimento de escravos, até á chegada dos convivas. Entram Lygia e Actêa.

LYGIA

Dize-me, minha bôa Actêa, é bem certo que, Néro, Cezar, matou a mulher, a mãi, o irmão?

ACTÊA

E' certo... e quantos outros!

LYGIA

E, dizias-me que o amavas?

ACTÊA

Conhecí-o, moço, bello e generoso! E' sem-

pre essa imagem, esse Néro que eu vejo. O outro, o que fizeram os mestres, os aulicos, os amigos, os senadôres, o proprio povo, esse não o conheço. Esse pertenceu sempre a outra mulher, cujo dominio se firmou no sangue: esse é de Poppêa, a divina!

LYGIA

Como eu tremo de estar, aqui! Daria tudo por me vêr de novo em caza de Pomponia: ou na campina de Rôma, só, abandonada que fosse. Se eu pudesse... se tu pudesses, generosa Actêa, proporcionar-me a fuga!

ACTÈA

Eu t'o repito, Lygia: era a tua morte e a dos teus. A vontade de Cezar é absoluta! Approuve a Cezar chamar-te, és uma coisa sua, na vida e na morte!

LYGIA

Uma coisa...!?

ACTÈA

Tenho lido, tambem, as cartas de Paulo de Tarso, e ellas dizem que, lá em cima, ha um Deus cujo filho morreu por nós! Mas sobre a Terra não ha senão um Deus: é Cezar! A tua doutrina prohibe-te de seres o que eu sou...

uma concubina!... e manda-te preferir a morte á deshonra — como os estoicos de que me fallou tanta vez, Epicteto...

LYGIA

Sempre!

ACTÊA

Quando uma possa evitar a outra. Ignoras os recursos d'um Cezar. A filha de Sejano, uma creança de doze annos, foi condenada á morte. A lei prohibe que as virgens possam soffrer tal pena. O que imaginas que resolveu, Tiberio?

LYGIA

Eu sei!

ACTÊA

Mandou-a violar, primeiro, por um escravo e matou-a depois!

LYGIA

Que horrôr!

ACTÊA

Reflecte. Não irrites nunca os tyranos. Os deuses da Terra são sempre sanguinarios. És bella, nova, e tão bôa...! Sê cautelosa e espera no futuro. Eu te protegerei, aqui, quanto pudér.

LYGIA, abraçando-a

Como tu és bôa, Actêa!

ACTÊA

Sem alegria e sem felicidade, é certo;... mas não sou má. «Elle» tambem o não era.

LYGIA

Lamenta-l'o?

ACTÊA

Se te digo que o amo, ainda! O teu Deus não morreu por amôr dos que o mataram?

LYGIA

E, perdoou-lhes.

ACTÊA

O amôr é o perdão. (Como subindo a escadaria e voltando a entrar no salão, no 2.º plano, começam a entrar os senadôres de togas bordadas nas bandas, sandalias ricas, tunicas de côres. Mulheres vestidas e penteadas á Grega ou á Romana, as cabeças coroadas de flôres, etc.)

LYGIA

Que de gente sobe.

ACTÊA

Os convivas que chegam.

MUSONIO, entrando e passando com Séneca

Salve, Actêa!

SÉNECA

Salve, divina Actêa!

ACTÈA

Salve, Séneca!

LYGIA

Quem é este velho, de grave aspecto?

ACTÈA

E' Séneca, o filosofo, mestre de Néro. Um filosofo que manda desprezar as riquezas e fez, em quatro annos, uma fortuna de quatrocentos milhões de cestercios!

LYGIA

E, o companheiro?

ACTÈA

E' tambem filosofo; mas bom: um estoico.

LYGIA

Como se chama?

ACTÈA

Musonio.

TIGELINO, entrando com Calvia

Salve, Actêa!

ACTÈA

Salve! (a Lygia) Tigelino o infâme, o corruptôr, o valido de Néro. O que fornece as orgias e os venenos!

LYGIA

E, a mulher?

ACTÈA

Calvia; a mais impudica das, cortezãs, de Roma. Cinco vezes divorciada.

LUCANO, entrando com Nigidia

Que os deuses te conservem sempre a belleza e o coração.

ACTÈA

Salve. (a Lygia) Lucano o poeta e Nigidia a amante.

LYGIA

E' tão novo.

ACTÈA

E é bello; mas Cezar odeia-o. Os seus versos são melhores do que os d'elle e Cezar não perdôa. A sua vida não vale uma moeda d'oiro.

LYGIA

E elle sabe-o? e, arrisca-se, aqui?...

ACTÈA

E' uma creança. (Entra Crispinilla, com Pitagoras.) Crispinilla a devassa, cheia de incestos. .

LYGIA

E o mancebo? aquelle adolescente?

ACTÈA

E' Pitagoras, o éphebo favorito de Néro.

LYGIA

Como favorito? Ama-o muito?

ACTÈA, lembrando-se da inocencia de Lygia

Sim... Ama-o, muito! (Um grupo de homens e mulheres passa e comprimenta de longe, sem grande respeito). Senécion, Vitelio, Domicio... Vês como me comprimentam, de longe? Houve tempo em que teriam vindo comparar-me ás Deusas e beijar me os pés! São os cortezãos de todos os tempos. (O grupo sobe)

LYGIA

Onde vão?

ACTÈA

Dizer a Poppêa, a divina, o que em tempo me disseram a mim!

LYGIA

Como tudo isto faz mêdo!

ACTÈA

E asco! (Entram, conversando, Petronio e Marcos Vinicio. Petronio vai para os grupos; Vinicio vê Lygia e desce). Petronio e Marcos Vinicio. Estes conheces de certo.

LYGIA

Marcos!

MARCOS

A' mais pura das virgens da Terra, á mais bella das estrellas do Céu, á divina Lygia, salve!

LYGIA

Salve, Marcos Vinicio.

MARCOS, tomando o pulso d'Actêa e beijando-lh'o

Salve, Actêa. Por Vénus, sois ainda a mais bella mulher do palacio de Néro.

ACTÊA

Cuidado, Marcos Vinicio, que se arremedais vosso tio, no galanteio, não tendes como elle a faculdade de que Néro oiça pelos vossos ouvidos e falle pela vossa bôca.

MARCOS

O louvor é tão perigoso em Caza de Cezar?

ACTÊA

E' que dirigido a mim pode parecer epigrama.

MARCOS, a Lygia

Felizes os meus olhos que te comtemplam: os meus ouvidos que escutam a tua voz mais dôce do que as citharas e as flautas!

LYGIA

Como fiquei bem, ao vêr te! Que mêdo tenho de estar aqui! Sabias que me encontravas?

MARCOS

Sabia e todavia ao vêr-te senti na minh'alma um extranho e novo prazer!

LYGIA

Como sabias?

MARCOS

Disse-m'o Aulo Plancio

LYGIA

Como estará! e os seus! E porque estou eu aqui?

MARCOS

Por mandado de Cezar.

LYGIA

E para quê?

MARCOS

Cezar não dá conta, a ninguem, dos seus actos.

LYGIA

Nada d'isto é natural, Marcos. Conhecia-me, acaso Cezar? Tenho o presentimento de desgraças! Tu és bom: leva-me para caza dos Plancios, a caza onde eu vivi tranquilla e tão feliz! Faz-me mal este ruido, esta gente toda. Porque me arrancaram do pequeno jardim onde brincava com Aulo? O que me convem a mim é o socêgo e a obscuridade. Não nasci para festas e para jantares! e, aqui, no palacio de Néro... tenho mêdo, leva-me!

MARCOS

Acalma-te! Estou ao pé de ti. Nada pode acontecer-te. Amo-te, não o crês?

LYGIA

Sim, Marcos.

MARCOS

E, tu m'o disséste, tambem, n'esse jardim, onde brincavas com o pequeno Aulo. E, eu não ouvi nunca mais outra voz; não vi outro olhar senão o teu; não pensei, não tive outro querer, outra vontade senão a ti.

LYGIA

O socêgo entra na minh'alma com as tuas palavras, generoso Marcos!

MARCOS

Tu és a minha felicidade, ó mais bella do que Vénus! A minha felicidade completa, ineguala-vel; porque nem Cezar, nem nenhum Deus, póde sentir maior alegria do que um mortal (abraça-a, delicadamente) que sente bater contra o peito um peito querido! Assim, ó Lygia, o amôr nos eguala aos Deuses!

LYGIA

A tua palavra é como a luz, que afugenta as trévas e dissipa os terrôres. Entrego-me a ti.

Restitue-me aos meus. Pomponia, a casta, amar-te-ha como se fôsse tua mãi: abençoar-nos-ha e seremos felizes! Por ella e pelos seus te agradeço o prazer que lhe darás; e, por mim, Marcos, amar-te-hei até ao fim da minha vida.

(Na sala do fundo, onde estão, tambem, mezas visiveis, rompe a orchestra de citharas, flautas, harpas e timbales. Os escravos serventes entram dos lados)

MARCOS

Vem Cezar. (Vai a querer subir)

LYGIA

Não me deixes, só!

Não. (Actêa, desce) Aqui tens Actêa... Eu volto já. (Sobe.)

LYGIA

Oh! Actêa! (agarrando-lhe a mão)

ACTÊA

Que tens?

LYGIA

Foje-me a vista.

ACTÊA

Serena-te (beijando-a) Isso passa!

(Néro apparece ao fundo. A' maneira que passa, a multidão aclama-o. Começam a cahir flôres do tecto até ao fim do acto. Os escravos trazem brazeiros e deitam-lhe myrra. Gritam)

VOZES

Avé, Cezar!
Avé, Jupiter!
Avé, divino Cezar!
Salve, divino!
Olympico!
Hercules!
Immortal!

NÉRO, junto a meza

A' meza! (Os homens deitam se nos leitos. As mulheres occupam leitos e cadeiras. Os escravos enchem as taças de vinho que veem em baldes com gêlo: outros servem a comida. A orchesta toca mansamente. Néro, reclinando-se no leito, coroado de rosas): Petronio, dir-se-hia que entoei um dos meus hymnos!

PETRONIO

E' a condicção dos Deuses. A sua presença basta para arrancar as saudações dos homens.

NERO

Estas? Que significam? Os romanos são verdadeiros selvagens. Não me entendem. Lembraste do meu apparecimento em Napoles?

PETRONIO

Que noite!

NÉRO

Que noite de gloria! Nunca sentirei mais, na

minha vida, uma impressão egual! Chorei! Lembras-te, Petronio?

PETRONIO

Como um mortal! E, desmaiaste, até, nos meus braços, exclamando: «Onde ha triumpho comparavel ao meu?! Eis o que são os Gregos! eis a Grecia!»

NÉRO

Comprende-me a Grecia. Em Roma, sei-o bem, chegam a censurar-me por cantar em publico; como se a arte divina pudésse manchar a purpura dos Cézares!

PETRONIO

Voltaremos?

NÉRO

Certamente. Tu sabes que as profecias me dão a soberania do Oriente e do Egypto. Fundarei alli um imperio luminoso de arte, de sol, de poesia, de realidade transformada em sonho, de vida transformada n'um perpetuo gozo! Quero esquecer Roma e collocar o centro do mundo entre a Grecia, a Asia e o Egypto. Viver a vida, não dos homens, mas dos Deuses. Vogar atravez do Archipélago, em galéras d'oiro, á sombra de vélas de purpura, embriagar-me de sol, de poesia! Ser, ao mesmo tempo, Apollo e Osiris! Reinar... viver... sonhar...!

PETRONIO

Eis o sonho d'um Cezar!

NÉRO

Uma realidade! No Egypto levantarei monumentos, ao lado dos quaes as pyramides hão-de parecer brinquedos de creanças! Farei construir uma esphinge, sete vezes maior do que a de Memphis, que olha para o deserto, semelhando-a a mim! E, os seculos futuros não fallarão d'outra coisa: do monumento e de Néro!

LUCANO

Pelos teus versos tu te erigiste, já, um monumento, não sete, mas setenta vezes maior do que a de Chéops.

NÉRO

E, pelo meu canto?

PETRONIO

Se tu pudésses levantar uma estatua, — como a de Memnom—, que ao nascer do sol o fizesse ouvir, durante seculos, os mares do Egypto coalharam-se-hiam de navios, onde as multidões, das tres partes do mundo, viriam embriagar se, esquecer a vida, ouvindo a tua voz!

(Néro, radiante, bebe e todos o acompanham)

NÉRO

E... emfim, desposarei a Lua, que é viuva, e serei verdadeiramente um Deus!

PETRONIO

E, cazar-nos-has com as estrellas, para formarmos a constelação de Néro! (A Vitelio, gordissimo, que está de pé, na meza do centro, de taça em punho, ébrio) Cazarás Vitelio com o Nilo para gerarem hipopótamos.

TIGELINO

E a mim, que destino me dás?

PETRONIO

Cezar pode dar-te o deserto e serás rei... dos chacaes.

TIGELINO, aparte

Insolente!

(Cezar falla em segredo com Petronio. De repente põe no olho uma esmeralda e olha Marcos e Lygia. Marcos diz segrêdos amorosos, todo curvado.)

MARCOS, alto

Como eu te amo, Lygia! (apertando-lhe o pulso)

LYGIA

Deixa-me, Marcos, fazes-me mal.

MARCOS

Oh! divina, ama-me muito! (beija-lhe o pulso), muito!

ACTÊA

Cezar está a olhar-vos.

MARCOS

Que me importa?

ACTÊA

Tu brincas com a vida, Marcos; não bebas mais.

MARCOS

O Phalerno é tão dôce e Lygia tão bella! (Offerece-lhe a taça; Lygia recuza; Marcos bebe)

NÉRO, deixando de olhar, depôe a esmeralda na meza

Petronio, quem é a dama que se senta ao lado de Marcos Vinicio?

PETRONIO, asustado

A rapariga... o refem que mandaste buscar a caza dos Plaucios.

NÉRO

Ah! De que povo é?

PETRONIO

Dos Lygios.

NÉRO

Deve ser bella ... Vinicio enche-a de galanteios.

PETRONIO

Cobre um tronco velho d'oliveira com um vestido feminino e Vinicio achal-o-ha admiravel. A mocidade! Muito magra. Uma cabeça de dormideira n'um pé esguio. A ti, estheta divino, que prezas na mulher sobretudo a haste, aposto — por muito difficil que seja julgar das proporções d'uma mulher sentada — aposto que já lhe viste o defeito? ...

NERO, piscando os olhos para vêr

Não tem ancas.

PETRONIO

Nenhumas. (malicioso)

SENÉCION

Não sei o que questionavas, mas sou da opinião de Cezar.

PETRONIO

Fazes bem. Eu estava dizendo a Cezar que tu tinhas uma certa inteligencia: Cezar affirmava que eras estupido como um burro! (gargalhadas)

NÉRO, rindo exageradamente, inclina o pollegar para o chão

E está dito!

VATINO

Seja como fôr, eu creio nos sonhos. Séneca um dia disse-me que tambem acreditava... como Plinio.

CALVIA

Sim? Pois a noite passada sonhei que era Vestal.

NERO, rindo, batendo as palmas, o que todos imitam

Bravo!

CALVIA

E, então? São todas velhas e feias, as vossas vestaes. Só Rubria tem fórma humana. Assim, ao menos, seriamos duas. Ainda que Rubria, na primavera, tem a pelle cheia de manchas rôxas.

SENÉCION

De que são?

CALVIA

Ella é que sabe... e os médicos.

LUCANO

E' o abrir dos botões. Flôres do amôr!

PETRONIO

Calvia, onde deixaste a cabelleira loira, das... vestaes?

CALVIA

Tu és um impertinente.

PETRONIO

Não era o que me chamavas, uma noite, no lago d'Agripa.

CALVIA

És capaz de dizer que te não resistí, satyro? Que não estiveste a meus pés?

PETRONIO

Para os encher d'anneis. (Calvia olha instintivamente os pés: todos riem)

VITELIO, cambaleando

O meu annel. (rí estupidamente)

NÉRO

De que diabo rí esta barrica de cêbo?

PETRONIO

O riso é proprio do homem. Vitelio quer provar-nos que não é um porco.

VITELIO

O annel... perdí o meu annel de cavalleiro... O annel que me veio de meu pai...

PETRONIO

Que era sapateiro.

Vitelio, rindo parvamente, procura o annel no colo de Calvia.

CALVIA

Que queres? O atrevido.

NIGIDIA

Elle não perdeu o que procura.

LUCANO

E... ainda que o ache não será capaz de o usar.

(Os escraeos reenchem as taças. Ouvem-se vozes. Vinho. Phalerno.

LYGIA

O jantar durará muito, ainda, Marcos?

MARCOS

Inda agora começou. Não estás bem?

LYGIA

Sim... mas... morre-se com calor... com os perfumes...

ACTÊA

Toma o meu leque. Queres um vinho geládo?

LYGIA

O' não. Queria sahir.

ACTÊA

E' impossivel.

Néro, que tem estado a comer e beber bem e a conversar com Petronio, levanta-se. A musica emudece. Terpros e Diodoro, correm com as citharas. Néro faz gesto negativo.

SENÉCION

Pela arte e pela humanidade!

NÉRO

Não estou em voz. Onde está Poppêa?

UM ESCRAVO

Doente; não pode vir.

NÉRO

Chamai-a (o escravo sahe)

PETRONIO

Faze desta festa um festim, divino Cezar: canta!

LUCANO

Cezar, não sejas implacavel.

VATINO

Não sejas implacavel!

VOZES

Sê magnanimo, Cezar!

NÉRO

O meu medico prohibiu me de cantar, hoje.

SENÉCION

Poupa a tua divina garganta, Cezar. Que seria de Roma e da Grecia se a tua voz se enublasse!

NÉRO

Recitarei o meu hymno novo. Se, mais tarde, puder, cantarei.

TODOS

Graças, Cezar.

Entra Poppêa, sumptuosa e bella.

VOZES

Salve, divina Augusta! Salve, ó Deusa! Salve, divina!

NÉRO

Um momento, bella Poppêa. Vou recitar o meu novo hymno a Vénus. Precizo de têl-a diante.

LYGIA

Ó Marcos, é possivel! Poppêa, a sanguinaria, é esta mulher de uma belleza divina?!

MARCOS

Sim, é bella; mas tu és cem vezes mais! Bebe um golo, para que eu ponha os meus labios no sitio dos teus! (Offerece-lhe a taça, que Lygia recusa

Faz-se silencio profundo Musonio, o poeta, encosta-se a uma cadeira e adormece, emquanto Nero recita. Este vê-o.

NÉRO, recitando

Embalde pretendi deixar a escravidão,
Que nos impõe o amôr!
A Deusa luminosa
Que accende, em Chypre, o facho da paixão
Por sobre a humanidade; altiva, desdenhosa
Arrancou-me do peito o coração,
E foi depôl-o aos pés, da mais formosa
Das Romanas, Poppêa, a minha amada!

Da Vénus Aphrodite a incandescente lava
Passou pela minh'alma!
As intimas ternuras,

Só pode soluçar a minha lyra escrava
Do seu divino olhar, das calidas alvuras
Do seu colo de neve, da bôcca onde os Prazeres
Moram em ninho rubro entre desejos...
Uma lyra que chora a pedir beijos!

Vem, amada Poppêa, e escuta a Deusa:
Sê como ella, de quem tens a fórma,
Caritativa e dôce!
Abre o teu leito
Aos segrêdos do amôr, ao eterno gozo!
Eu sou um Deus! que troca a divindade,
Do mundo o senhorio, a magestade,
Pelo logar do esposo!

TODOS

O' poeta divino! Salve!

TODOS, com palmas e gritos

O' voz divina!
O' immortal!
O' Jupiter!
O' artista divino!
O' resplandecente!
Salve! Salve! Salve!

POPPÊA, vem beijar magestosamente a mão de Néro

Obrigada, Cezar! (sahe)

Mulheres choram, homens fazem gestos exagerados de espanto: o éphebo Pitagoras vem joelhar-se ao pé do leito de Néro e fica. Sentam-se de novo alguns convivas, outros ficam de pé.

PETRONIO, empunhando a taça

A Cezar olimpico! (Todos bebem)

NÉRO, consultando

Petronio?

PETRONIO

Os versos são admiraveis. Lucano deve estar amarello de inveja! Querel-os-hia peores, para poder fazer-lhes um elogio que os valesse.

LUCANO

Maldito o destino que me fez contemporaneo de Cezar! Elle me eclipsa como a luz do sol a luz d'um candieiro!

NÉRO, a Tigelino, mostrando-lhe Musonio adormecido

Faze-me dormir Musonio, o estoico, por uma vez.

TIGELINO, deitando veneno n'uma taça

Lentamente?

NERO

Não.

ACTÈA

Musonio adormeceu emquanto Néro recitava!

LYGIA

E' um crime?

MARCOS

De lesa-magestade.

LYGIA

E vão acordal-o ?

MARCOS

Para dormir outra vez . . . para sempre !

TIGELINO

Eh ! Musonio ? eh ! filosofo ?

MUSONIO, aparvalhado

Que é ? Que queres ? Maldito cão !

TIGELINO

Cezar, chama-te. (Musonio, levanta-se)

NÉRO

O quê sonhavas ?

MUSONIO

Que Cerebero me ladrava, raivosamente.

NÉRO

Tu vês, Vatino, é preciso acreditar nos sonhos.

TIGELINO

Petronio brindou a Cezar olimpico. Todos beberam; faltas, tu!

Musonio, percebe, e hesita em pegar na taça.

TIGELINO

Vamos: a Cezar olimpico.

Musonio, olha Cezar, que o fita com a esmeralda; bebe, vacila e cahe morto.

LYGIA, levantando-se

Que horrôr!

Dois escravos levam-no

ACTÈA

Tem coragem. Senta-te.

NÉRO

Os gladiadôres? (Entram Croton e Timon) Croton, não te esqueças de que és o mestre da minha escola. E tu, Timom, mostra-nos, se podes, como se substitue um mestre.

Os gladiadôres lúctam. O interesse cresce.

NÉRO

Bravo, Croton.

PETRONIO

Bello grupo para marmore.

MARCOS

Bravo! Timon.

CALVIA

Que bellas fórmas!

PETRONIO

Vestal, silencio!

NERO

Não é uma bella arte?

PETRONIO

A mais bella, depois do canto e da musica.

NÉRO

Hei-de de experimental-a, tambem.

PETRONIO

Sereis invencivel!

Croton dominou Timon. Agarra-lhe a garganta e vai estrangulal-o. — A' voz de Néro: abraça-o e ergue-o.

NÉRO

Alto! Bravo, Croton! (applausos) Exercita-te, Timon. Por momentos tiveste a victoria. Tens qualidades. Vai e não te esqueças de que me deves a vida.

TIMON

Ella é vossa, divino Cezar!

NÉRO

Dai-lhe de beber. E, a mim; por Bacho, que não he hei-de engulir a sêco esta aza de pavão de Samos. (deitam-lhe vinho) Que comes, tu, Calvia?

CALVIA

Um bocado de cabrito de Ambracia.

NÉRO

Estás em familia! Petronio, estás triste? A tua vista tem fome de graça e de belleza. Tigelino, mostra-nos a graça assyria.

Tigelino sobe. Ouve-se o côro bachico. Dançarinas assyrias, semi-núas, de cabeças ornadas de flôres, envoltas n'um véu ligeiro, braços e tornezellos com braceletes d'oiro, entram dançando com o côro. Os convivas comem e bebem, conversando em segrêdo. Côro e danças esmorecem lentamente. Os escravos dão vinho á bailadeiras. Algumas sentam-se Todos estão bebedos, excepto Lygia e Actêa. Durante as danças as luzes das salas esmorecem.

SENÉCION, de pé

Eu creio nos Deuzes. Dizem que Roma ha-de morrer! Ha quem diga que ella morre já! A falta

é dos rapazes que não tem fé e sem fé não ha virtude.

VATINO

Quem é que diz de Roma vai morrer?

SENÉCION

Os filosofos.

VITELIO

Má raça, essa, dos filosofos.

LUCANO, com Nigidia no colo

Não ames nunca um filosofo, Nigidia! Ama os poetas. A filosofia é uma adega cheia de ôdres... os filosofos. Quanto mais ôccos, maiores são. Disse-o não sei se Epicteto.

NIGIDIA

Nunca disse isso, Epicteto.

LUCANO

Não? Pois podia dizel-o; porque disse tolices muito maiores. Então, digo-o eu.

SENÉCION

Não, Roma não morre! Teriamos de morrer todos! Nunca mais beber vinho! (chora sobre o colo de uma bachante.)

BACHANTE

Não chores, imbecil... que te fazes feio. Dorme antes. (empurra-o levemente. Elle cahe debaixo d'uma meza e fica.)

LUCANO, enrolando-se na hera d'uma amphora

Eh! lá, Bachantes, aqui está um Fauno!

NÉRO

Pitágoras, vem cá! (a Petronio) conheces alguma coisa mais bella? (beija as mãos do éphebo) Hei-de cazar comtigo! Mãos tão bellas, nunca vi. Vi... já... quando? (lugubre) Eram de... minha mãe! (pausa e espanto) Eram de minha mãe... Sim, d'Agrippina! (baixo) Dizem que pelas noites de luar pelas aguas da Baïa... vagueia como que á procura... não se sabe de quê! Se encontra uma barca desapparece; mas o pescadôr que a viu, morre!

VATINO

Nos Deuses não acredito... mas nos espectros... sim. Nos espectros!

NÉRO

E, todavia celebrei, grandiosamente, aos Deuses tumulares! Não a quero vêr... Cinco annos!

cinco annos! Matei a, mas fui forçado a isso! Matava-me ella, se não o faço! Se eu tivesse morrido não me tinheis ouvido, hoje!

TIGELINO

Graças, Cezar, por nós, pela cidade, pelo mundo!

NÉRO

Não a quero vêr! (gritando) Vinho! e que esses timbales rujam!

LUCANO

Eu sou um Fauno! É é é... cho... ó ó ó. Os faunos amam as florestas! Nos jardins de Néro ha bosques profundos! Nigidia, levanta-te... acorda... vamos para o bosque!

NÉRO

Tem razão Lucano; abraza-se, aqui! Vamos para os jardins! Agora, sim, agora, vou cantar. Trazei vinhos! Terpnos, Diodoro, as citharas. (obedecem) Quero dançar tambem. E archotes... quero luz... muita luz... tudo bem claro, que a não quero vêr!

CALVIA

Quem?

NÉRO

A mulher das mãos brancas... como as de Pitágoras! (reparando em Actêa que acabou de fallar com Ursus, o gigante que fica atraz de Marcos e Lygia) O' bella e generosa Actêa! dá-me o teu braço. Vou cantar, para ti, uma canção á Lua! A' casta Lua, serena como tu, velada e meiga!

ACTÈA, acceitando-lhe o braço

Senhôr, sou a vossa escrava.

NÉRO

Não; és uma estrella do meu céu! Um comêta que só apparece, de longe em longe! (sobem todos)

MARCOS, agarrando brutalmente Lygia

Dá-me os teus labios! Hoje ou amanhã... que importa? Para que esperar? És minha! Cezar roubou-te para mim!

LYGIA

Marcos...

MARCOS

Para mim! Ha quanto te quero! Um dia em caza dos Plancios, vi-te no banho... núa! Não o sabias? Como és bella! Sahias da agua como a

Vénus das espumas... Um sonho! Pedi-te a Cezar que te mandou buscar... Amanhã vaes para minha caza... Dá-me os teus labios! (força para beijal-a) Da'-mos, já, agora.

LYGIA, recuando afflicta

Marcos, não te conheço... tem piedade!... não, nunca...!

MARCOS

Piedade? não; amôr! És minha, quero beijar-te... quero a tua bôcca! Da'-m'a! (agarrando-lhe brutalmente a cabeça) O' da'-m'a, por Jupiter! ou...

O escravo Ursus agarra-o pela cinta e atira-o sobre o leito.

LYGIA

Es tu? (atira-se-lhe ao colo e fica suspensa)

URSUS

Não tenha mêdo... sou eu! (leva-a a colo)

MARCOS, levantando-se tonto

Lygia! Lygia! (vai a quer seguil-a, e cambaleia) Por Hercules! (ampara-se a uma assyria que bebe) Que é? que foi?

ASSYRIA, dando-lhe a taça

Um sonho! Bebe!

Marcos bebe e cahe sobre o leito.

URSUS

Eis os senhores do mundo! (sahe, levando Lygia).

No jardim ouve-se a musica. As luzes esmorecem. Um ou outro bebedo levanta a cabeça aos sons da orchestra e torna a deixal-a cahir. As rosas sahem sempre. O panno desce, lento.

FINAL DO 1.º ACTO

ACTO SEGUNDO

QUADRO TERCEIRO

Caza de Vinicio. O tablium ornado com flôres. Perfumadôres no chão.

PETRONIO

Estavas bebedo, hontem. Não gostei de te vêr. Andaste como um carroceiro dos montes Albanos. Não sejas nunca tão sôfrego. Lembra-te que um bom vinho deve ser bebido lentamente. Porque escravo a mandaste buscar?

MARCOS

Por Altacino.

PETRONIO

E' de confiança?

MARCOS

Da maior. (passeia agitadissimo) Que demora!

PETRONIO

E, faze por lhe alcançares as bôas graças. Pôena de bom humôr, para lhe destruires o máu effeito das brutalidades de hontem.

MARCOS

Que demora!

PETRONIO

Sê generoso, que ella merece-o. E' bella! Sê magnanimo!

MARCOS

Deviam, cá estar, ha meia hora.

PETRONIO

De certo. Queres tu, para matar o tempo, que te falle das prophecias de Appolonio de Tyana, ou das maximas de Aristóteles, meu mestre, o estheta maximo?

MARCOS

Não... Deviam já ter chegado.

PETRONIO

Está dito... Deviam já ter chegado.

MARCOS

Malditos escravos. Teem as pernas ankilosa-

das por falta de exercicio. Terei de os fazer correr diante das varas.

PETRONIO

Elles não são o amante que espera. Tu não tens paciencia, nem serenidade. E' precizo ser distincto, sempre! E, depois, não se traz assim uma princeza, uma filha do rei da Lygia.

MARCOS

Tu zombas?... se fôsse comtigo!

PETRONIO

Agradeceria aos Deuses o fazer-me prelibar, mais amplamente, uma posse divina.

MARCOS

A demora não é natural... Eu vou vêr...

PETRONIO

Não percas a tua bella linha esthetica. Espera; não sejas vulgar. (ouve-se ruido) Tanto mais, que me parece que chegam. (o ruido augmenta. Á porta apparecem quatro escravos. Dois d'elles com os rostos ensangentados)

MARCOS

Onde está Lygia?

OS ESCRAVOS

Ai, Senhôr ! ; ai, Senhôr !

MARCOS

Onde está Lygia ? (avança furioso)

OS ESCRAVOS

Vê o sangue, Senhor ! Vê o sangue !

UM ESCRAVO

Defendêmo-la, até á ultima.

MARCOS

Que é d'ella ?

UM ESCRAVO

Raptaram-na !

MARCOS

Ah ! miseravel. (atira-lhe uma taça á cabeça) Gulon ?

GULON, apparece

Senhôr.

MARCOS

Cem varadas a cada um.

OS ESCRAVOS

Senhôr, piedade !

MARCOS

Até a morte ! (os escravos sahem, em grita, adiante de Gulon)

PETRONIO

Está doido! Vamos ter canificina. Repugnam-me os talhos. Vale. (sahe)

MARCOS, postrado, senta-se

Mas quem poderia roubar-ma? Quem? Plaucio? Ai d'elle, se o foi! Ai d'elle!... Pedirei a Cezar a sua morte!... E, se foi Cezar? Pelas furias! se foi Néro n'uma das suas nocturnas «pescas de Perolas,» como elle lhes chama?! E, quem podia ser senão, elle, Néro? Quem ousaria oppôr-se á sua vontade? Viu-a hontem, apeteceu-lhe... roubou-ma! Cezar diverte-se comigo! Por Écate, por Érebo, por vós ó Deuses do lar, (toma terra n'um vaso e espalha-a pelo o chão) juro que quem quer que foi, escravo ou imperadôr, mendigo ou Cezar, mato o! (ao introduct r, que apparece) O meu manto.

O INTRODUCTOR

Actêa deseja fallar-vos.

MARCOS

Actêa? Em bôa hora. Venha. (A Actêa, que entra, agarrando-lhes as mãos) Onde está Lygia?

ACTÊA

Vinha perguntar-t'o.

MARCOS

Não sei; roubaram-ma no caminho. (junto do rosto d'Atêa, com os dentes cerrados) Actêa, se tens amôr á vida, se não queres ser causa de desgraças, cujo alcance nem podes conhecer, diz-me a verdade: foi Cezar quem m'ā robou?

ACTÊA

Cezar não sahiu hontem do palacio.

MARCOS

Pela memoria de tua mãi, por todos os Deuses, Lygia não está no Palatino?

ACTÊA

Pela memoria de minha mãi, Lygia não está no Palatino, nem foi Cezar quem t'a robou.

MARCOS, cahindo na cadeira, com a cabeça nos punhos

Então foram os Plaucios! Ai d'elles!

ACTÊA

Aulo Plaucio procurou-me, hoje, a saber de Lygia.

MARCOS

Hypocrisia! Se não soubesse d'ella ter-me-hia procurado a mim.

ACTÊA

Tambem procurou.

MARCOS

A mim?

ACTÊA

De manhã.

MARCOS

Não o vi, nem me fallou.

ACTÊA

Os teus servos contaram-lhe o acontecido. (Pausa) Não, Marcos, o que aconteceu, aconteceu por votade de Lygia.

MARCOS

Tu sabias que ella queria fugir?

ACTÊA

Sabia que ella não consentiria em ser tua concubina!

MARCOS

E... tu? que tens sido toda a tua vida?

ACTÈA

Eu?... És pouco generoso! Eu era uma escrava!

MARCOS

Seja como fôr. Cezar deu-ma! Descobril-a-hei nem que seja debaixo da terra. Farei d'ella o que eu quizer! A minha concubina... porque não? A minha concubina! Nem que seja precizo chicoteal-a, de dia e de noite! Dal-a-hei, ao ultimo dos meus escravos! Mandal-a-hei atrelar a um moinho da costa d'Africa. Procural-a-hei, eu. Procural-a-ha Cezar, inda que seja precizo empregar todas as legiões.

ACTÈA

Tu deliras...! Tem cautella em não metter Cezar, na busca, porque te arriscas a perdel-a para sempre, no dia em que elle a achar.

MARCOS

Como?

ACTÈA

Ouve, Marcos. Hontem, antes de jantar levei Lygia, para a distrahir, a passeiar nos jardins. Encontrámos Poppêa e a pequena Augusta, sua filha e filha querida de Néro, nos braços da ama negra. A' tarde a creança cahiu doente e Lilith,

a ama, diz que foi a estrangeira que a enfeitiçou! Se a creança melhora, tudo esquecerá: se peóra Poppêa será a primeira a accusar Lygia de feiticeria e, encontrada, não terá salvação!

MARCOS

Talvez que ella enfeitiçasse a creança... e a mim tambem!

ACTÈA

A negra diz que a pequenita se pôz a chorar logo que passou por nós. E' certo, ouvi. Mera coincidencia. Procura-a; mas antes das melhoras da creança não falles de Lygia. Seus olhos choraram, bastante, de mais... por ti!

MARCOS

Por mim? Disse-t'o ella?

ACTÈA

Eu o vi. As suas lagrimas eram sinceras e a sua dôr sentida. Como velei por ella no palacio de Cezar, quiz valer-lhe, se pudesse, ainda, junto de ti.

MARCOS

Como?

ACTÈA

Invocando a tua generosidade para ella.

MARCOS

Zombas de mim: se não sei onde pára...

ACTÊA

Ainda o podes saber: deixa-a em paz.

MARCOS

Não posso.

ACTÊA

Desposa-a.

MARCOS

Nunca!

ACTÊA

Não é uma escrava, é um refem de guerra: os refens são sagrados.

MARCOS

Concorreste, já vejo, para o rapto?

ACTÊA

Talvez.

MARCOS

Contra, Cezar.

ACTÊA

Não; contra ti.

MARCOS

E, dás-lhe razão?

ACTÊA

Defendo-a.

MARCOS

Tu ama-la?

ACTÈA

Quanto ella merece.

MARCOS

Porque te não paga, como a mim, o amôr com o desprêzo.

ACTÈA

Homem cégo, ella amava-te.

MARCOS

A mim? Que amôr é esse que prefere a vida errante, a indigencia do dia seguinte e talvez uma morte miseravel, a uma vida de riquezas e de alegria? Que amôr é esse, que tem mêdo do prazer e sêde dos sofrimentos? É que ella me odeia, do coração!

ACTÈA

Como imaginaste captival-a? Em vez de te inclinares diante dos seus pais adoptivos, os Plaucios, e de lh'a pedires para esposa, por surpreza, roubaste lh'a. Era a filha d'um rei, quizeste fazer d'ella a tua concubina! Feriste-lhe os olhos inocentes com o espectaculo da orgia, sem comprehenderes que aquella creança candida preferiria a morte á deshonra! Sabes tu quaes são as suas crenças? sabes que Deus adora? e se esse Deus não é me-

lhor do que essa Vénus impudíca e essa Isis que os Romanos veneram, no seu impudôr? Que te importou tudo isto? A pobre creança, quando fallava de ti, córava: amava-te! Como lhe pagaste a aspiração pura do primeiro amôr? Enchendo-a de espanto, tratando-a como a uma escrava, insultando-a!

MARCOS

Eu não a insultei!

ACTÊA ironica

Generoso senhôr... vilmente! Venceste os Parthas, tu? Que é agora um coração de mulher para um famoso guerreiro? Enganaste-te: é mais facil vencer os barbaros. Amava-te; é possivel que te despreze, agora!

MARCOS

Que me importa? Amo-a eu; quero-a, hei-de tel-a.

ACTÊA

Se ella te não amar, essa satisfação deve ser bem mesquinha. O amôr de dois é um misterio divino: o de um só: uma torpeza! Nobre consul, adeus!

PETRONIO, entrando: a Actêa que vae a sahir

Salve, divina Actêa.

ACTÊA

Salve, galante Petronio.

PETRONIO

Dou-vos graças pela bondade com que tratastes Lygia.

ACTÊA

Fiz o meu dever. Ella têm a candura d'uma virgem e a graça das pombas...

PETRONIO

Que vôam.

ACTÊA

Officio de quem tem azas. Adeus. (sahe)

PETRONIO

Sabes alguma coisa de Lygia? Actêa a que veio?

MARCOS

Saber d'ella... Não sahiu da cidade. Os meus escravos vigiam as portas. Ella ou o tal gigante, hão-de apparecer.

PETRONIO

Tens sorte em que não seja Cezar o raptadôr. Trago-te uma boa nova.

MARCOS

Qual?

PETRONIO

Eunice, a minha escrava,—desde hontem que reparo que é verdadeiramente bella!—conhece um homem capaz de a descobrir.

MARCOS

Quem é?

PETRONIO

Um tal Chilon, médico, sabio, feiticeiro, ou o que é, que lê o destino e prediz o futuro. Mandei-o chamar e trago-t'o Queres fallar-lhe?

MARCOS

Que venha.

Petronio faz signal para dentro. Chilon entra. É um corcovado, tunica no fio, esburacada, barba e cabelleira intonsas. Sandalias velhas, etc.

CHILON

Salve, senhores nobilissimos!

MARCOS

Aproxima-te. Sabes bem do que queres encarregar-te ?

CHILON

Pelo o que em toda a Roma se falla, não é difficil de adivinhar. Roubaram aos teus escravos, nobre senhôr, Lygia, ou Calina, filha adoptiva dos Plaucios. Encarrego me de t'a descóbrir, na cidade ou fóra, onde estiver.

MARCOS

Que meios tens para isso ?

CHILON

Os meios tens, tu, senhôr. Eu só possúo o genio.

PETRONIO

É homem para a descobrir.

MARCOS

Previno-te de que se me enganas para me apanhares dinheiro, mando-te desfazer com varadas.

CHILON

Eu sou um pobre filosofo, senhôr, e um filo-

sofo não pode deixar de pensar na recompensa, sobretudo quando ella pode sêr da especie que acabais de me fazer entrevêr, tão magnanimamente!

PETRONIO

Então és filosofo?; mas Eunice disse-me que eras médico ou adivinho. D'onde a conheces?

CHILON

Veio consultar-me. A minha fama chegou até ella.

PETRONIO

Sobre quê?

CHILON

Materia d'amôr. Queria curar-se d'um amôr, não partilhado.

PETRONIO

E, curaste-a?

CHILON

Fiz mais. Dei-lhe um amuleto que faz nascer o amôr reciproco: um fio do cinto da Vénus de Chypre.

PETRONIO

De que escola és tu, divino sabio?

CHILON

Senhôr, pelo meu manto em escumadeira, sou um cynico: um estoico, pela paciencia com que soffro a minha miseria: e, porque, como não tenho liteira, tenho de andar a pé, de taberna em taberna, a dar lições aos que me pagam o vinho, sou um peripathetico.

PETRONIO

Gostas de vinho?

CHILON

Heraclito disse que o vinho era fôgo e que o fôgo era uma divindade!

PETRONIO

Deante da qual o teu nariz se illumina.

MARCOS

Já te tens empregado em cargos semelhantes?

CHILON

Hoje, senhôr, a virtude e a sabedoria teem tão pouco valôr, que um pobre filosofo se vê forçado a lançar mão de todos os meios de existencia!

MARCOS

Quaes são os teus?

CHILON

Saber tudo o que se passa e offerecer os meus serviços a quem preciza d'elles.

PETRONIO

E pagas-te?

CHILON

Conforme os meus meritos. Que remedio!

MARCOS

Não devem ser grandes porque te não deram ainda para um manto.

CHILON

Sou modesto, senhôr. O que é pequeno não é o meu merito é a gratidão dos homens. Quando se esconde um escravo de preço quem o descobre? Quem indica os culpados dos pasquins em *louvôr* de Poppêa, a divina? Quem descobre nas livrarias os versos contra Cezar? Quem leva as cartas que se não podem confiar aos escravos? Quem faz fallar os barbeiros, os alfaiates, os taberneiros e capta a confiança dos escravos a sa-

ber tudo o que se passa n'uma caza, do atrio ao jardim? Quem conhece todas as ruas, praças, bêcos, alfurjas, da cidade? Quem sabe o que se diz, nas thermas, no circo...

PETRONIO

Basta, por todos os Deuses, illustre sabio, já sabemos quem és.

CHILON

E quanto valho.

MARCOS

Bem. Tens necessidade de indicações?

CHILON

Eu? Tenho necessidade de armas.

MARCOS

Quaes?

CHILON, fazendo o gesto de dinheiro

Os tempos vão tão máus, para as filosofos...

MARCOS, atirando-lhe a bolsa

Ahi tens.

CHILON, apanhando-a

Começamos a entender-nos. Nobre senhor, ouvide: Lygia não foi roubada por Aulo, nem

está no Palatino. O rapto foi feito por Ursus, o gigante seu escravo, e pelos christãos.

PRTRONIO

Ouve, Marcos.

CHILON

Lygia adora a mesma divindade que Pomponia, a mais virtuosa das Romanas; é Christã...

MARCOS

Como o sabes?

CHILON, com emphase

Sou christão!

PETRONIO

Tu?

CHILON

Desde hontem, senhôr, desde hontem.

MARCOS

Reflecte Chilon. Tu não és um imbecil. Quererás presuadir-nos de que Pomponia e Lygia pertencem á seita dos inimigos do genero humano, dos envenenadôres, das gentes perdidas nos ultimos vicios?

CHILON

É christã, senhôr, tende a certeza absoluta.

PETRONIO

O que quer dizer que Pomponia e Lygia envenenam as fontes, immolam as creanças encontradas nas ruas e se entregam ao deboche? Tu que viveste em caza de Aulo vês como isto é uma calumnia ou uma tolice! Ou então os christãos não são o que se diz.

MARCOS

Seja como fôr. Foi então esse Ursus quem a roubou?

CHILON

Com os christãos.

MARCOS

E, encontral-a-has? Saberás onde está?

CHILON

Esta noite, ainda, trarei noticias.

MARCOS

Duplicarei a offerta se a achares. Gulon? (para dentro)

GULON

Meu senhôr.

MARCOS

Dá um manto capaz a esse... filosofo.

CHILON

Nobre consul, sois duplamente generoso: cobrís d'uma vez, com a mesma capa: a Sciencia e a Virtude! Nobre Petronio, vale. (Sahe)

PETRONIO

Adeus... *collega.* Não me desagrada o tal filosofo. Descobre Lygia, verás. Mas parece-me bom mandares desinfectar o atrio... A respeito de perfumes a filosofia está muito atrazada... só conhece... os naturaes. Fica-te com os Deuses... Sabes que amanhã é a festa do Lago?

MARCOS

Sei.

PETRONIO

Dizem que Vatino inventou maravilhas. Não podes faltar. Cezar poderia notar a tua falta. E... bôas novas, até lá.

MARCOS

Gulon?

GULON

Meu Senhôr. O jantar?

MARCOS

O meu manto e o estilete. (paseia agitado)

GULON

Eil-os. (Veste-lhe o manto) Ides só?

MARCOS, mettendo o estilete no cinto

Só. (Sahe)

O PANNO DESCE

QUADRO QUARTO

Salão no palacio de Néro. Ao fundo um terraço d'onde se vê Roma. Mezas, cadeiras. Anoitece, gradualmente, durante o acto.

PETRONIO, a Marcos que vai a passar ao fundo

Dou graças aos Deuses, nobre consul, por te saber ainda vivo.

MARCOS

Ah! Petronio.

PETRONIO

Nem me vias. D'onde te desenterraste? Em tua caza, em parte alguma se sabia onde estavas. Alguma Deusa te raptou para a sua morada?

MARCOS

Talvez.

PETRONIO

Mas tu estás mal, meu sobrinho, muito mal. E' evidente que Vénus te perturbou o espirito e te faz perder a razão! Por Pollux, se a chama que te consome te não reduz a cinzas, tu meta-

morfoseias-te n'aquella esphinge do Egypto, que dizem que perdida d'amôr pela Lua, se tornou indifferente ao dia, de modo a só esperar a noite, para poder com os olhos de pedra, namorar a amante!

MARCOS

Oxalá me transformasse em esphinge!

PETRONIO

...Se não sou eu, na ultima vez que nos vimos, na festa do lago, ou tinhas de transformar-te em esfinge... ou eras um homem perdido.

MARCOS

Como assim?

PETRONIO

Quem era a mulher que, no bosque de Diana, te queria levar para entre as sombras?

MARCOS

A mulher mascarada?

PETRONIO

Sim.

MARCOS

Não sube, nem quiz.

PETRONIO

Era Poppêa.

MARCOS

Heim?

PETRONIO

Chamei-te a tempo. Ella fugiu. Se n'esse momento lhe negas o amôr, que era feito de ti?

MARCOS

Tel-o-hia recuzado.

PETRONIO

Evitei essa asneira a tempo; mas a hesitação que mostraste, valeu-te os eu odio. As mulheres não perdôam, nunca, essas coisas... e então Poppêa...! Acautela-te.

MARCOS

Desprezo-a.

PETRONIO

A pequena Augusta morreu...

MARCOS

Que me importa?

PETRONIO

A morte atribue-se aos feitiços de Lygia.

MARCOS

Imbecís !

PETRONIO

E, a proposito . . . Lygia ?

MARCOS

Tu não calculas, Petronio, o que me tem acontecido.

PETRONIO

Mas diz. Tens-me causado sustos. Sabes que te quero . . .

MARCOS

N'essa noite . . . a do Lago, quando cheguei a caza esperava-me Chilon.

PETRONIO

O filosofo ?

MARCOS

O tal. Sabia de Lygia, vinha propôr-me o raptal-a. Concordei. Fomos, eu, elle e Croton, o gladiadôr, embuçados, ao Ostrianum, o velho cemiterio, á sahida da porta Capuana. Alli se reunem escondidamente os Christãos e lá ouvi Paulo, o apostolo, pela primeira vez. Lygia estava junto d'elle, envolta n'um manto escuro, embebida, a

ouvil-o, n'uma allucinação de todo o seu sêr, arrebatada, divina! Se tivesses visto a sua figura d'uma belleza ideal . . .

PETRONIO

Adiante.

MARCOS

Todo o meu amôr renasceu com a furia d'um toiro das Hespanhas. Jurei tel-a. Alli, era perigoso : os christãos eram alguns centos. Seguimola até a caza, á sahida. Uma velha caza, no bairro do Transtiberino. Entrou n'um pateo com o velho apostolo e esse Ursus, o escravo gigante, que a não larga, nunca. Escondemo-nos n'um corredôr á espera de occasião propicia, eu e Croton, porque o filosofo não sendo capaz de entrar... ficou de vigia, na rua. Ursus veio buscar agua á cisterna do pateo. Era occasião: virei-me para Croton e disse-lhe: matta. O gladiadôr atirou-se ao escravo como um tigre; eu corri pelo corredôr, empurrei a porta entreaberta, agarrei Lygia ao collo e corri para fóra. Desmaiára.

PETRONIO

Bello grupo dariam para um rapto.

MARCOS

Ao chegar ao pateo eis o que eu vi. Ursus do-

minava Croton vergado sobre um joelho, apertando-lhe, com uma das mãos, o pescoço. O gladiadôr tinha um estertôr na garganta, os olhos sahiam-lhe das orbitas! Ao vêr-me, Ursus, applicou sobre o peito de Croton um murro tal que este rolou pelo chão, de bôcca aberta, jorrando sangue. Estava morto!

PETRONIO

Por Hercules, que esse homem merece uma estatua.

MARCOS

De chofre, voltou-se para mim, agarrou-me este braço e partiu-m'o.

PETRONIO

Depois?

MARCOS

Não me lembra senão d'uma voz, feita de todos os sons das citharas, dizer: Ursus, não mates! Quando acordei estava n'uma cama e vigiava-me uma pobre viuva, um filho e... ella!

PETRONIO

E foi ella quem te tractou?

MARCOS

Tratou-me um medico; mas salvou-me, ella! Que cuidados, que dedicação, dias e noites! Con-

tando mesmo as horas dolorosas da doença, passei, alli, os melhores dias da minha vida. O apospolo, contava toda a vida e morte de Cristo, seus milagres e douctrina. Vi os mais bellos exemplos de caridade, de amôr e de perdão! Se tu o ouvisses!

PETRONIO

Não me faltava mais nada! O que faz o amôr! Começavas a achar essa religião adoravel, porque era a de Lygia.

MARCOS

Talvez.

PETRONIO

É assim. O amôr transforma as pessôas completamente, opiniões e gostos. Como a mim me está acontecendo. D'antes só gostava do perfume da verbena; lembras-te? Hoje, como a bella Eunice prefere o das violetas, é d'este que eu gosto mais.

MARCOS

Eunice?

PETRONIO

Sim, Eunice. Ah! tu não sabias ainda... Tenho que te agradecer aquella recuza... É uma maravilha de esthetica, a loira Eunice! Uma obra de Praxiteles...!

MARCOS

E a tua Chrisotémis?

PETRONIO

Mandei-lhe umas sandalias bordadas a perolas... E' como quem diz: vai passeiar. E' o meu processo; ellas já sabem. Chrisotémis, francamente, era contemporanea da guerra de Troia. E, afinal, melhoraste, sahiste... e o que é feito da tua Lygia?

MARCOS

Fugiu-me.

PETRONIO

Outra vez?

MARCOS

No dia em que me levantei, ella sahiu.

PETRONIO

Tinha mêdo de ti?

MARCOS

Tinha mêdo de si, propria.

PETRONIO

É extraordinario!

MARCOS

Dizes bem. Ella não é como as outras mulheres!

PETRONIO

Ah! não? Então não perdes nada com a abstinencia.

MARCOS

Não podemos entender-nos.

PETRONIO

Decerto, não. Que o Hades confunda esses christãos que te fazem perder o senso commum.

MARCOS

Tu não conheces a sua doutrina.

PETRONIO

Enganas-te, conheço. Já li as taes cartas de Paulo de Tarso. Babozeiras. É uma doutrina anti-humana: porque a felicidade só vem da belleza, do amôr, e da força! A isto, chama elle, vaidades! E que theorias! Retribuir o mal com o bem... Que justiça! O que devemos ao bem? Se a sanção é a mesma para o bem e para o mal, porque seriam os homens bons?

MARCOS

Segundo elles a sanção começa na vida futura, eterna.

PETRONIO

Isso são coisas a verificar... depois da morte.

MARCOS

A vida para elles começa com a morte.

PETRONIO

É natural. É como se se dissesse: o dia começa com a noite! Vais raptar Lygia outra vez?

MARCOS

Não. Prometti-o.

PETRONIO

Tens tenção de adoptar a doutrina christã?

MARCOS

Querel-o-hia; mas toda a minha natureza se oppõe.

PETRONIO

Emfim, és capaz de esquecer Lygia?

MARCOS

Nunca!

PETRONIO

Então vai... viajar. (entram escravos com amphoras e taças que collocam nas mezas do 1.º salão e nas da varanda) Vem Cezar. O que vieste fazer?

MARCOS

Cezar mandou-me convidar para a leitura da Tróiada.

PETRONIO

Tambem? E... se elle te perguntar por Lygia?

MARCOS

Não sei...

PETRONIO

Dize-lhe... que a tens guardada... que esta ausencia... foi a lua de mel.

Entra Cezar, Poppêa, Tigelino, Vitelio, Senecion, Vatino etc; escravos. Poppêa sobe para o terraço, com outras damas, onde bebem. Os éphebos galanteiam, etc.

NÉRO, aborrecidissimo

Salve, Petronio. Inda bem que chegaste. Creio que vou morrer de tédio, de aborrecimento! A minha viagem á Grecia, adiada!

PETRONIO

Porquê?

NÉRO

Vesta, a propria Deusa, me avisou, no templo. Venho agora de lá. Tão ao ouvido me disse: addia a viagem, que me assustou.

TIGELINO

Ficámos todos aterrados. A vestal Rubria desmaiou.

NERO

Que linda garganta que tem Rubria! Que branca! (bebe) Eu precizo distrahir-me. Vinheis ouvir o poema! Não posso lêr! Nem cantar! Nem tenho paciencia. Não posso ficar em Roma, irei para Ancio. Abafo, n'estes bairros apertados, no meio de cazas que se desmuronam, de ruellas immundas. Um ar empestado chega até aos jardins, chega até aqui! Porque não houve, nunca, um tremôr de terra que destruisse Roma? Se um Deus, na sua colera, a nivelasse com a terra, eu ensinaria como se edificava uma cidade para capital do mundo!

TIGELINO

Não dizes, tu, Cezar: se um Deus destruisse a cidade?

NÉRO

Sim e então?

TIGELINO

Não és, tu, um Deus?

SENECION

Podes fazel-o.

VATINO

Fal-o.

NÉRO

...Não lerei o meu poema! O meu incendio de Troia flameja timidamente! Julgava que egualaria Homero e tinha ficado contente.

PETRONIO

Não o egualaste?

NÉRO

Não...! Um esculptor quando por esculpir a estatua de um Deus, escolhe um modêlo. Nunca vi arder uma cidade, não o posso pintar.

PETRONIO

Mas tens genio para tanto se o quizeres fazer, Cezar. Aposto que os teus versos...

NÉRO

Não, não. Responde-me a uma questão, Petronio. Tens pena que tenha ardido Troia?

PETRONIO

Pena de quê? Por Marte, pelo contrario. Tróia não teria ardido sem o fôgo dado por Prometheu aos homens e sem os gregos terem declarado a guerra a Priamo. D'ahi veio que Eschylo escreveu o seu Prometheo e Homero a Illiada. Quero mais a estes dois poemas do que á tal Troia, provavelmente uma villoria de cazas de madeira, velhas e sujas!

NÉRO

Eis o que é fallar com tino. A' poesia e á arte tem-se obrigação de sacrificar, tudo. Felizes os Gregos que deram a Homero o assumpto do seu poêma! Feliz Priamo que viu as ruinas da sua patria! ... Eu nunca vi uma cidade em chamas!

Silencio geral de receio.

VITELIO, avinhado

Nem eu!; mas se fosse Cezar e a quizesse vêr, via-a!

TIGELINO

Era facil.

PITAGORAS

Poppêa e as damas, Cezar, pedem-te para vires cantar.

PETRONIO

Aproxima-se a noite, o sol agoniza, a tarde é bella, o ar cheio de perfumes dos jardins. A' natureza só falta um cantico . . .

MARCOS

O teu, Cezar!

NÉRO

É cêdo ainda. (olha para Tigelino, misteriosamente) É cêdo, ainda.

VITELIO

Eu adoro a musica.

PETRONIO

Das taças.

NÉRO

Dize-me, Petronio, que pensas tu da musica?

PETRONIO

A tua, sobretudo, quando a oiço, faz-me sentir um mundo de prazeres novos. A musica é um mar, onde á onda succede a onda, á agua, agua sem

fim, até... ao infinito...! e é sempre impossivel vêr a outra margem.

NÉRO

E' assim que eu penso da musica. Quando canto e tóco, eu, Cezar, senhôr do Mundo, descubro reinos desconhecidos, mares virgens, mundos nunca sonhados! Vejo os Deuses! subo ao Olimpo! Um sôpro estranho passa, a esphera vibra em roda de mim e dir-te-hei (leva Petronio, pelo braço, para o lado) que eu, Cezar e Deus (muito baixo) me sinto tão pequeno como um grão d'areia!

PETRONIO

Só os grandes artistas se sentem pequenos deante da belleza!

NÉRO

Morro de aborrecimento, aqui! Ouve: imaginas que sou cégo ou idiota? Pensas que não sei que por essa Roma pregam, todos os dias, inscripções injuriosas, pelas esquinas? que me chamam matricida, assassino de meu irmão, e de minha mulher? Que me chamam algoz, porque tenho morto a meus inimigos?... Um homem bom póde ser cruel?

PETRONIO

Póde.

NÉRO

Eis o meu caso. Quando a musica acalenta a minh'a alma, eu sinto-me tão bom como uma creança no bêrço.

PETRONIO

Os Romanos nunca vos souberam apreciar.

NÉRO

Os Romanos! Como eu odeio os Romanos! (Vai á meza beber. Anoitece mais) Tigelino?

VITELIO

Sahiu. Disse que ia mandar accender as lampadas.

NERO

Ah! sim... Escurece.

PITAGORAS

Cezar, o cantico? (ao fundo)

CEZAR

Ainda é cêdo... (Desce a Petronio) Sou em tudo um artista. A musica abre-me as portas d'uma prespectiva indizivel; devo aos Deuses o explorar esse infinito! Para ascender ás regiões olimpi-

cas não será precizo, primeiro, praticar algum prodigioso acto propiciatorio?

NÉRO

Não te entendo, Cezar.

NÉRO, baixo

Para abrir as portas do mundo desconhecido, eu quiz fazer o maior sacrificio que pode fazer um homem: minha mulher... minha mãi... foi para isso que ellas morreram! Mas é precizo um sacrificio ainda maior para abrir as portas do Olimpo! Cumpra-se a vontade dos Oraculos!

PETRONIO

...Qual é o teu projecto?

NÉRO

Vais vêr... de aqui a pouco. (sobe)

PETRONIO, aparte

Extranho-o.

NÉRO, bebe e desce

Mas, antes, vê bem que ha dois Néros: um o que os homens conhecem; o outro o que só tu conheces: o que mata como a Morte e o que delira como Bacho! E, mata, porque odeia a baixeza, tudo o que

é vil e lhe repugna tudo o que não merece a vida! E mata e elimina!... Como a vida será pequena quando eu desapparecer!

PETRONIO

Comprehendo o teu coração e as tuas máguas!

NÉRO

Como o meu coração é, por vezes, negro! Como este mundo e esta terra são pequenos, mesquinhos, para mim! Mas, quanto eu puder, aniquilarei esta vida, e esmagarei este mundo!

Subito Roma apparece incendiada por diversos lados. Ouve-se ruido ao longe. Pitagoras, desce)

PITAGORAS

Cezar, Roma está a arder!

PETRONIO

Quê?

TODOS, levantando-se e olhando

A ardêr?

NÉRO

O' Deuses immortaes!... eu vos dos dou graças!.. Posso em fim vêr uma grande cidade em chammas! Posso acabar o meu canto!

VOZES, do fundo

Cezar? Cezar?

NÉRO

Ah! E' agora o momento. A minha cithara? (Sobe).

UM CENTURIÃO, entrando rapido

Divino imperador?

NÉRO

Quê?

CENTURIÃO

A cidade é um oceano de chamas! Os homens cahem asfixiados! O terrôr enloquece!

NÉRO

É a vontade dos Deuses! A minha cithara? (Trazem-lh'a. Terpnos, Diodoro e os musicos correm) O' Deuses, que espectaculo sublime! Graças, por poder vêr, como Priamo, o incendio de minha patria! Agora, vou cantar! (sobe)

MARCOS

Centurião, sabes tu se o bairro do Transtevero, foi invadido, já?

CENTURIÃO

Todo, Senhôr. Foi o primeiro.

MARCOS

Maldicção! Se ella morreu... (sahe, doido)

O incendio generalisa-se. De todos os lados do palacio corre gente para o terraço. Néro sobe os degráus e de cithara em punho, acompanhado, canta)

NÉRO

Berço de meus pais,
Roma divina!
Quanto eras cara
A' minh'alma!...

O ruido, ao longe, cresce. Ouvem-se os rugidos das féras. O panno desce.

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

QUADRO QUINTO

Sala no palacio de Néro. Néro e Poppêa, Vinicio, Tigelino, Petronio, Vitelio, Senecion e Vatino.

NÉRO, descendo

Ha tres dias que componho o meu poema. Não posso perder tempo. Sejamos breves. Roma está exaltada ?

TIGELINO

Gravemente.

NÉRO

A animadversão cresce ?

TIGELINO

Cada vez mais.

NÉRO

O Senado?

TIGELINO

Indignadissimo contra ti.

NÉRO

O' o Senado! Reedificarei a cidade! Dar-lhe-hei uma outra digna do povo romano; que mais quer?

TIGELINO

Mas as miserias, as mortes causadas...

NÉRO

Não abri os meus jardins ao povo? Não tem elle que comer, á farta?

TIGELINO

Os pequenos estão satisfeitos. Os grandes...

NÉRO

É preciza uma decisão rapida. Que havemos de fazer, o que será conveniente...? A tua opinião, Petronio.

PETRONIO

Vamos para a Grecia e depois para o Egypto.

SENECION

É facil partir: voltar é que não será tão facil.

PETRONIO

Por Hercules, voltaremos, se fôr precizo, á frente das legiões da Asia !

NÉRO

Assim, farei.

TIGELINO

Escuta-me, Cezar. O conselho é desastroso. Antes de chegares a Ostia, rebentará a guerra civil. E sabes, tu, se algum vago descendente do divino Augusto, se não se fará proclamar imperador ?

NÉRO

Farei que nenhum exista. Tu sabes como.

TIGELINO

Mas será um outro. Hontem, os meus soldados ouviram dizer á multidão que se devia proclamar alguem, como Thrazéias !

NÉRO

Povo insaciavel e ingrato ! Que mais quer ?

TIGELINO

A vingança.

NÉRO

A vingança ? . . . quer victimas ? (Pausa e silencio)

Se nós lançassemos a nova de que foi... (olhando-os) Vatino, quem incendiou a cidade?

VATINO, empalidecendo

Eu?... Quem sou eu, ó divindade...?

NÉRO

Tens razão. E' preciso alguem mais importante. (circunvagando o olhar): Vitelio!

VILELIO, riso amarello

As minhas banhas farão rebentar um novo incendio.

NÉRO

Tigelino?... Tigelino, fôste tu que incendiaste Roma!

TIGELINO, audaz

Por tua ordem, Cezar!

NÉRO

És meu amigo?

TIGELINO

Tu o sabes, Senhõr.

NÉRO

Bem. Sacrifica-te por mim.

TIGELINO, hypocritamente

Eu bem o quizera, Senhôr; mas não posso fazêl o. (ironico) O povo murmura e revolta-se. Queres tu que a guarda pretoriana faça o mesmo, pelo seu chefe?

UM ESCRAVO

A divina Augusta deseja fallar-te, Tigelino.

TIGELINO, a Cezar

Permittis? (Cezar, faz signal aprovativo. Tigelino sahe)

NÉRO

Aqueci uma serpente no seio! (a Petronio) Vamos, falla tu. Confio em ti. Tens mais senso do que todos elles juntos e és meu amigo.

PETRONIO

Vamos para a Grecia.

NÉRO

Esperava mais do teu juizo. Se parto quem me garante que o senado não proclame outro imperadôr? O povo era-me fiel... não é. O senado!... Ah! se este povo e este senado tivesse uma cabeça, só!

PETRONIO

Se queres conservar Roma, Cezar, é precizo deixares alguns Romanos.

NÉRO

Roma, os Romanos, que me importam? Escutar-me-hiam na Helada! Ao redor de mim, aqui, não ha, senão traição! (subito) Petronio, a plebe murmura pelas praças... se eu fôsse ao Campo de Marte e cantasse o meu hymno; o que cantei durante o incendio... não poderia, eu, como Orpheu, encantal-os?

VATINO

A difficuldade, Cezar, era elles deixarem-te principiar.

NÉRO

Pois vamos para a Grecia.

POPPÊA, entrando com Tigelino

Ouve-me, Cezar. O povo quer uma vingança e uma victima! Que digo eu? uma? centenas, milhares! Existem as que o devem sêr, devem-se-lhe. Ignoras que na cidade se acoita um exercito de christãos? Não os conheces? Não te fallei, eu, tanta vez dos seus crimes e da suas infames cerimo-

nias? das suas profecias segundo as quaes o mundo acabará pelo fôgo? O povo, instintivamente, odeia-os e suspeita d'elles. Ninguem os vê nos templos, no circo, nas corridas! Murmura contra ti e não fôste, tu, Cezar, nem eu, quem incendiou a cidade! Foram elles! E' preziso dizêl-o. Viram-nos levando nas mãos as tochas incendiarias! O povo tem sêde de vingança? dá-lha. O povo quer circo, quer sangue? dá-lh'o! Conheces os culpados! manda!

PETRONIO a Marcos, aparte

A caça a Lýgia.

PETRONIO

Coragem!

NÉRO, levantando as mãos ao céu

Oh! Zeus, Appolo, Hera, Actréa, vós, todos, ó Deuses immortaes, porque nos não socorresteis? Que tinha feito essa bella Roma, a esses energumenos?

TIGELINO

Vinga-a!

VATINO

Faz justiça!

NÉRO

Que castigo terrivel, que torturas serão bas-

tantes para punir tal crime? Com a ajuda das potencias do Tartaro, darei ao meu povo um tal espectaculo, que d'elle se falará, em Roma, pelos seculos dos seculos!

PETRONIO, aparte

Que Cezar bandido! (olhando Marcos, que passeia louco) É precizo salvar Lygia. Ou me perco, ou a salvo. (approximando-se galante, natural, brincando com a tunica gracioso) Assim... encontrastes as victimas? bem; mas escutai me. Tendes a auctoridade, tendes a guarda dos pretorianos, tendes a fôrça! Então sêdes leaes. Entregai os christãos ao povo, supliciais-os; mas confessai primeiro que não foram elles que incendiaram Roma! Ha tambem uma elegancia da alma: como mestre de todas as elegancias dir-vos-hei, que não supporto tão miseraveis comedias! (Pasmo) Com relação a ti, Cezar, porque me tens fallado muita vez da posteridade, reflecte o que ella dirá de ti! Pela divina Clio! Néro-Senhôr do mundo, Nero-Deus queimou Roma porque era tão formidavel na Terra, como Zeus no Olympo! Nero-poeta amou a tal ponto a poesia que lhe sacrificou a Patria! Desde o principio do mundo, ninguem ousou pensar em tão extraordinaria coisa! Tu o fizeste, esta gloria é tua, não a

renegues. Ao pé de ti o que será Priamo, Agamenon, Achilles? os proprios Deuses? Coragem. Livra-te de abdicações indignas; porque então a posteridade poderá dizer-te: Nero queimou Roma; mas tão pussilamine Cezar, como pussilamine poeta, negou o facto, e atirou, cobardemente, a falta por sobre os innocentes! Tal acção não honrará a tua memoria!

TIGELINO

Senhôr, dá-me licença para que sáia. Aconselham-te a lançares-te no maior perigo: tratam-te de Cezar e poeta pussilanime, de comediante... Os meus ouvidos recuzam se a ouvir mais.

PETRONIO, aparte

Cezar hesita? Estou perdido! (a Tigelino) Tigelino, a ti é que eu chamei comediante, porque o és, ainda n'este momento.

TIGELINO

Porque não posso escutar as tuas injurias?

PETRONIO

Porque figuras um grande amôr por Cezar e ainda ha pouco, ouvimo-lo todos e elle, o ameaçaste com a guarda de pretorianos.

POPPÊA

Cezar, como permittes que taes pensamentos venham a alguem e que esse alguem os diga deante de ti?

NÉRO

E' assim que tu sabes reconhecer a amizade que sempre te tive?

MARCOS, aparte

Petronio perdeu-se por mim!

PETRONIO

Se me enganei, Cezar, mostra-me o meu erro; mas sabe que te disse o que me ditou a lealdade que, emfim, te devo!

POPPÊA

Renova os insultos.

TIGELINO

Punide-o, Senhôr.

VATINO

Castigai o insultadôr.

VOZES

Castigai-o! (affastam-se de Petronio)

NÉRO

Quereis que o puna? Foi sempre o meu companheiro e meu amigo! Feriu-me o coração; mas quero que elle saiba que este coração só tem para os amigos, o perdão.

PETRONIO, aparte

Conheço o teu perdão! (alto) Cezar! (inclinando-se, faz signal a Marcos, e sahem.)

POPPÊA

Quereis ouvir as testemunhas?

NERO

Que venham.

Um escravo sahe e traz dois rabinos de longas toga se mitras, um escriba e Chilon.

1.º RABINO

Salve, monarcha dos monarchas, rei dos reis!

2.º RABINO

Salve, Senhôr do mundo!

CHILON

Salve, Cezar, Leão entre os homens! tu cujo rei-

no é semelhante á claridade do sol, ao cedro do Libano, ao balsamo de Jerichó!

NÉRO

Accusais os christãos de terem incendiado Roma?

1.º RABINO

Nós, Senhôr, só os accusamos de serem inimigos dos homens, e inimigos de Roma. De terem muita vez ameaçado a cidade e o mundo, com o fogo do céu! O resto dil-o-ha este homem, de cujos labios nunca sahiu a mentira, porque nas veias de sua mãi corria o sangue do povo escolhido!

NÉRO

Quem és, tu?

CHILON

O teu cão fiel, divino Osiris! Um pobre estoico!

NÉRO

Detesto os estoicos: o seu desprezo pela arte e a sua linguagem repugnam-me; como a sua miseria e falta d'aceio. Por isso mandei matar Musonio . . .

CHILON

Senhôr, eu sou um estoico por necessidade. Co-

bre o meu estoicismo, ó Resplandecente, com uma corôa de rozas e poê-lhe, deante, uma taça de vinho e elle cantará Anacréonte!

NÉRO

Gosto de ti.

TIGELINO

Vale quanto peza.

NÉRO

Que sabes dos christãos?

CHILON

Permittir-me-has que chore, divino Cezar?

NÉRO

Não. Aborrecem-me as lagrimas.

CHILON

E terás, cem vezes, razão; porque os olhos que te viram uma vez, não devem chorar nunca.

NÉRO

Falla dos christãos.

CHILON

Ouve, divino Isis! De creança me dediquei á filosofia e procurei a verdade. Procurei-a na acade-

mia de Athenas e na de Alexandria. Tendo ouvido fallar da doutrina dos christãos, julguei que fosse uma escola onde achasse algumas parcellas da verdade. Relacionei-me com elles e, por minha desgraça, o primeiro que conheci foi um tal Glaucos, medico de Napoles. Sube por elle, que adoravam um certo Christo que promettera exterminar os homens e aniquilar todas as cidades da Terra. Por isso odeiam os homens, envenenam as fontes e em suas assembléas cobrem de improperios os templos onde adoramos os nossos Deuses. Christo foi crucificado, mas prometeu-lhes que no dia em que Roma fosse destruida, voltaria á terra, a dar-lhes o reino promettido.

NÉRO

Então é a occasião.

POPPÊA

O povo comprehenderá porque Roma foi queimada.

CHILON

Muitos o sabem já, divina Augusta! N'isso se falla nos Jardins, no Campo de Marte, a toda a hora. O povo levanta-se, sedento de vingança! Essa vingança será a minha.

NERO

Porquê ?

CHILON

Ouvide, divino Cezar ! Glaucos, o medico, não me ensinava que a doutrina christã ordenasse que se odiassem os homens; pelo contrario dizia que esse Christo era uma bôa divindade e que a base da sua doutrina era o amôr. Amei Glaucos e tanto d'elle confiei que com elle partilhava o meu pão e o meu dinheiro. Um dia, entre Napoles e Roma, deu-me uma punhalada e vendeu-me a mulher, a minha Berenice, tão formosa e tão bella ! a um mercadôr de escravos !

POPPÈA

Pobre homem.

CHILON

Chegado a Roma procurei os seus chefes para obter justiça contra Glaucos. Nada obtive; mas fiquei conhecendo o apostolo Pedro, apostolo o Paulo, o filho do Zebedeu, Crispo e muitos outros. Sei onde habitavam, antes do incendio e onde se reunem. Posso indicar o subterraneo do Vaticano e o Cemiterio d'Ostrianum. N'este, ouvi pregar o apostolo Paulo. Vi Glaucos degolar creanças para que o apostolo derramasse o sangue sobre

a cabeça dos neophitos e ouvi Lygia, a filha adoptiva dos Plaucios, gabar-se de ter enfiteiçado a tua filha, divina Osiris! e a tua, ó Isis, a pequenina Augusta!

POPPÊA

Cezar, vinga a nossa filha! Ouves, Cezar?

NÉRO

Por Hercules!

CHILON

Ouvindo isto quiz apunhala-la. Impediu-m'o o nobre consul Marcos Vinicio que estava ao seu lado e que a ama!

NÉRO

Quem?

CHILON

O consul Marcos Vinicio.

NÉRO

É christão? Oh! a tragedia degenera em farça!

CHILON

Senhôr, pela luz que vêm de ti, te juro que o é. Como o é Pomponia, o pequeno Aulo, Lygia, Ursus, Lino e milhares d'outros, cujos templos

secretos posso indicar! As vossas prisões não chegarão para os conter!

POPPÊA

Cezar, vinga a nossa filha. Ordemna.

CHILON

E, appressai vos, aliás, o consul Marcos Vinicio terá tempo de a esconder. Sahiu correndo . . . dir-vos-hei a caza . . .

TIGELINO

Dou-te dez homens. Vai lá inmediatamente.

CHILON

Dez homens . . . com Ursus lá dentro . . . nem de longe!

NÉRO

Tigelino, entrego-t'ös.

POPPÈA

E, nossa filha, Cezar?

NÉRO

Por todos os Deuses que será vingada! Oh, os christãos! não deixarei um sobre a face de Terra! Os leões de Numidia e os tigres de Hircania terão

o mais lauto banquete de que ha memoria, na historia do mundo!

UM ESCRAVO, entra appressado

Cezar, um velho que se diz ex-centurião da Judêa pede para te fallar.

NÉRO

Que quer?

ESCRAVO

Não o disse. Quer fallar a Cezar...

NÉRO

Entre quem seja.

PAULO, entra, com ar rude

És tu o Cezar?

NÉRO

Creio que sou. E, tú, quem és?

PAULO

Paulo de Tarso!

NÉRO

Não conheço; mas falla... Estou hoje de bom humôr... Vens da Judêa?

PAULO

Lá estive, pela segunda vez, depois de percorrer a Lygia, a Cilicia e a Galacia. Depois de ter fundado a egreja de Thessaloníca e de ter prégado em Athenas e em Corintho.

NÉRO

Prégado, o quê?

PAULO

A religião de Christo, nosso Senhôr, meu e teu!

NÉRO

És christão? É o primeiro que vejo...

PAULO

Pela graça de Deus.

NÉRO

Qual Deus?

PAULO

O unico que ha. Que está no céu! e que um dia desceu á Terra e morreu pelos nossos peccados e pela nossa remissão!

NÉRO

Tambem por mim?

PAULO

Por todos.

NÉRO

Ignorava que devia esse favor a teu Deus! Séneca nunca me fallou d'essa divindade! Encarrego-te de lhe agradeceres por mim!

PAULO

O meu Deus é superior ás tuas zombarias...

NÉRO

Mas o que queres, tu, afinal, com o teu Deus? É para me fallares d'elle que aqui vieste?

PAULO

Em seu nome.

NÉRO

És christão. Vens pedir o perdão para ti e para os teus?

PAULO

De quê?

NÉRO

Do seu crime.

PAULO

Qual crime?

NÉRO

O de terem incendiado Roma.

PAULO

Gritam isso nas praças, vós o espalhastes! A plebe miseravel, sedenta de sangue, pede para elles o circo e a fogueira!

NÉRO

E tel-a hão.

PAULO

Porquê?

NÉRO

Porque fôram elles...

PAULO

Que...

NÉRO

...Incendiaram a cidade.

PAULO

Néro, Imperadôr dos Romanos, Rei do mundo, Cezar augusto... mentes! (Vai a lançar-se a elle)

NÉRO

Deixai. Velho, tu és um doido por fôrça.

PAULO

Chamo-me Paulo e sou apostolo de Christo!

NÉRO

E' poderoso o teu Deus. Só assim...

PAULO

Tu o vês. Tu és Cezar, cercado dos teus, defendido pela tua guarda pretoriana, tendo ao teu dispôr, dezenas de legiões: eu sou Paulo, um velho cujas pernas tremem no andar, cujos braços oscilam quando ora, e eu faço, pelo meus Deus, — o que tu não serias capaz de fazer pelos teus falsos Deuses — rio-me de ti, de teu poder, porque elle não alcança mais do que até á morte!

TIGELINO

É o maior alcance.

PAULO

Não é nenhum. A vida da terra é transitoria e mesquinha: só é grande a que vem depois da morte: infinita, eterna!

NÉRO

Quem t'a garantiu?

PAULO

O meu Deus; que eu vi morrer na Cruz, no Calvario, ao pé de Jerusalem, para nol-a dar

em troca! O que prégou a egualdade na Terra, o que amaldiçoou o despota e levantou o escravo; o que prégou o desprezo da carne e santificou a alma! O que condemnou, ó Romanos, a vossa luxuria tôrpe, a vossa prostituição feita de todas as abominações e infamias! O Deus dos Christãos! Aquelle que fez com que eu, o mais humilde dos seus pastores, vos fale como se fôra o vosso imperador e elle... o verdadeiro, pense...

NERO

No supplicio a inventar de que sejas digno, divino apostolo!

PAULO

Todos me agradam, Nero. Desde o harpão dos teus gladiadores, até aos dentes das tuas feras! Está assente para mim... agradeço-te! Mas ha uma legião de pobres que nunca te fizeram mal; que vivem felizes na humildade das suas crenças com o seu Deus e que, como elle ensinou, dão a Cezar o que é de Cezar e a Christo o que é de Christo! Nunca perturbaram os teus prazeres, nunca disputaram o teu poder, nunca insultaram publicamente os teus affectos, nem tentaram contra a tua vida ou a dos teus.

Innocentes d'um crime de que os accusam, só podem defender-se, morrendo! São fracos, humildes, ignorados! Não carregues a tua memoria com crimes inuteis; porque, em verdade te digo, que se o fizeres terás de responder por elles...

NÉRO

Ante quem?

PAULO

Ante o nosso pae, que está no céu!

NÉRO

Cala-te.

PAULO

Cezar, disse!

NÉRO

De mais. Tigelino mette-me na cadeia esse apostolo, esse pastor, a vêr se o tal poderoso Deus o tira de lá. (A Paulo) E, quanto ás tuas ovelhas, prepara-te para vêres, no Circo, como os leões lhes tosquiam a lã.

PAULO

Não ha piedade na tua alma, Cezar?

NÉRO, ironico

Não sou um Deus...

PEDRO

Não. Ha um, só! E, em nome d'elle, eu te amaldiçôo! Assassino de tua mãe e de tua irmã! Anti-Christo! O abysmo abre-se a teus pés! a morte vae empolgar-te! o tumulo abre a guella para te engulir! Amaldiçôo-te, cadaver vivo! porque morrerás no espanto e no terrôr! e serás condemnado por todos os seculos dos seculos sem fim! (Agarram-no) Maldito sejas, assassino! incendiario! matricida!

TIGELINO, vae a matal-o com o estylete

Cala-te, velho!

NÉRO

Tem audacia, por Jupíter! Guarda-m'o para o circo, quero vêr como é feito, por dentro, um apostolo christão!

(Os escravos levam-no, arrastado)

Emfim, consegui distrahir-me, hoje. Vamos jantar.

Dá o braço a Poppêa. Vão sahindo.

O PANNO DESCE

QUADRO SEXTO

Jardim de Petronio.

PETRONIO, inspeccionando as mezas e flôres

Poucas flôres. O calôr do incendio chegaria a Cumes?

O INTRODUCTOR

Procura-te um servo de Numa, com uma carta.

PETRONIO

Vem de Roma?

O SERVO, entrando

De Numa. (da-lhe um rolo de pergaminho)

PETRONIO

Como vai o teu senhôr?

O SERVO

Bem, nobre Petronio.

PETRONIO, lèndo

.... «Aviso-te de que receberás, em breve, ordem de não abandonar Cumas e dias depois a de te abrires as veias... Eis o que está decidido no palacio de Cezar... Vale. Séneca.» Virá atrazada a ordem. Licio, dirás a teu amo que lhe agradeço a carta e que já estava prevenido. Leva-lhe esta taça (dá-lhe uma d'oiro) como recordação minha e penhôr de nossa longa amizade. (o servo sahe) (ao escravo) Chama Eunice. (rindo) Julgava, talvez, surprehender-me esse bandalho de Cezar! Como se eu lhe não conhecesse as manchas de toda a vida! Como não respondi, logo, á sua carta, decidiu-se. Pois ha-de-agradar-lhe a resposta. (Entra Eunice, de branco. Petronio, senta-se) Vem Eunice; abraça-me e beija-me! Amas-me?

EUNICE

Se fôsses um Deus, não te amaria mais. (ajoelha-se-lhe aos pés)

PETRONIO

E tu sabes a quem deves o meu amôr?

EUNICE

A ti, á tua bondade!

PETRONIO

E a Chilon.

EUNICE

A Chilon?

PETRONIO

Não te vendeu elle dois fios da cinta da Vénus de Chypre?

PETRONIO

Oh, o charlatão! Ninguem pode modificar a vontade dos Deuses?

PETRONIO

Nem mesmo o nobre Chilon?

EUNICE

Nobre?

PETRONIO

E' hoje um dos companheiros de Néro. Uma arma de Poppêa. Delatou os christãos.

EUNICE

Oh, o infame!

PETRONIO

Tal imperadôr, tal côrte! (acaricia-lhe a cabeça) Mas tu és, verdadeiramente, bella, Eunice.

EUNICE

Meu Senhôr!

PETRONIO

Feliz aquelle que, como eu, encontrou o amôr habitando em tal corpo! Parece-me ás vezes que sômos duas divindades! Nem Lyzias, nem Praxiteles, criaram, nunca, linhas tão bellas! Não ha marmore mais quente, mais rozado do que o do teu collo! (Toma um punhado de violetas e deita-lh'o pela cabeça e hombros) Eis o que os christãos querem abolir: o culto da belleza! Um selvagem não criaria uma tão ridicula filosofia. Trata sempre o teu corpo bello, como um dom divino! Sê sempre Deusa, bella, adoravel, Eunice! (Beija a)

EUNICE

Tu és tão bom, meu senhor, tão bom, que eu quizera ser realmente uma Deusa... e tua escrava, como sou!

PETRONIO

Enganas-te. Tu não és minha escrava: pertencem te esta casa, estes jardins, os meus escravos, os campos e os rebanhos.

EUNICE

A mim?

PETRONIO

A ti. Libertei-te ha muito. Nada te disse. O consul dispensou a tua presença. Fiz-te, sem saberes, os meus presentes de nupcias.

EUNICE, beijando-lhe as mãos

Meu senhor e para quê?

PETRONIO

Porque vamos talvez separar-nos.

EUNICE, levantando-se

Como, senhor?

PETRONIO

Socega... terei de fazer uma longa viagem ..

EUNICE

Leva-me comtigo.

PETRONIO

Não posso.

EUNICE

Não podes?

PETRONIO

E' uma desconhecida viagem... que se tem de fazer, só!

EUNICE, receiando comprehender

Só?

PETRONIO

Só!

EUNICE, comprehendendo

Petronio! meu senhor. (Joelha de novo).

PETRONIO, respondendo á pergunta, muda, do olhar de Eunice

Sim!

EUNICE

Que desgraçada sou! Os deuses não permittirão...

PETRONIO

Eunice, eu quero morrer... como me compete!

EUNICE

Comprehendo, meu senhor. (Domina-se completamente.

PETRONIO

Tu és bella, livre, rica! A mocidade e a belleza tem os seus direitos. Lembra-te de mim... com amor!

EUNICE

Não, meu senhor, eu não sou rica nem livre. Não o quero ser. Sou a tua escrava!

PETRONIO

Então eu serei o escravo da minha escrava. (Acaricia-a) Eunice, faz servir o jantar. (Dão um longo beijo. Que a belleza seja sempre adorada!

EUNICE

E a bondade!

Eunice sahe e volta com Nerva, Lúcio, Octavia e Julia. Ao entrar uns adolescentes coroam nos de rozas. Trazem-se perfumes. Ha uma orchestra invisivel.

TODOS

Salve, Petronio.

PETRONIO

Salve, salve.

Reclinam-se. Os escravos servem.

JULIA

Que noticias de Roma?

PETRONIO

Cesar mandou-me chamar.

JULIA

E' teu amigo, Cezar.

PETRONIO

Muito.

OCTAVIA

Acaso serás tu, agora, o querido dos homens, como tens sido sempre o das mulheres?

PETRONIO

Que os Deuses se amerciem de mim, formosa Octavia. Na minha edade! (Riem).

NERVA

E, não vais?

PETRONIO

Não vou.

LUCIO

Ficarás então em Cumas?

PETRONIO

Para sempre.

OCTAVIA

E o imperador?

PETRONIO

Que cante e dance.

JULIA

É a sua maneira de descançar.

PETRONIO

É; porque para se fatigar vae matando os christãos.

NERVA

A perseguição continúa?

PETRONIO

Cada vez mais terrivel.

OCTAVIA

Haverá, ainda, muitas tardes de circo?

PETRONIO

É natural. Os christãos são já aos milhares, em Roma, como em outras cidades da Italia, na Grecia e na Asia. Ha-os entre os legionarios, entre os pretorianos, nas melhores familias de Roma.

NERVA

Dizem que nunca houve tres tardes de circo, como as dos chistãos!

PETRONIO

Nunca!

JULIA

Estiveste em todas, Petronio?

PETRONIO

Em todas.

OCTAVIA

Amas o espectaculo?

PETRONIO

Não: necessitava de lá estar.

LUCIO

Conta-nos.

PETRONIO

Nenhum de vós esteve em Roma?

NERVA

Nenhum; creio.

PETRONIO

Pois foram celebres as tardes. Nero lançou a ordem de prisão. Agarraram-se homens e mulheres, velhos e novos, creanças e virgens! Na primeiro tarde, vestiram-nos com pelles de animaes e largaram-lhes os cães fulvos de Peleponéso e os molossos zebrados dos Pyrenéus,

esfaimados, de dias. As prezas, porém, eram extranhas, e os cães hesitaram no attaque. Mas logo que o primeiro enterrou os dentes na espadua d'uma rapariga, os outros, ao verem sangue, cahiram sobre o monte dos christãos, ajoelhados! Então, por entre as convulsões, os estertores de agonia, os uivos dos mastins, ouviam-se vozes, que diziam: pelo Christo! pelo Christo! As feras mutilavam e, sobre a arena, corria em rêgos o sangue entre membros decepados e os corpos sedentos dos cães insaciaveis! O cheiro do sangue e dos intestinos abertos cobriu os perfumes da Arabia e encheu o circo! Os cães não venciam a tarefa. O povo rugindo, em delirio, pediu os leões. Viram-se então cabeças desapparecer em guellas vermelhas, peitos abertos com um roçar de garra, corações e ventres extravazados, e o ruido dos ossos triturados por maxillas de ferro! O povo esmagava-se, descendo as bancadas, para vêr melhor: os leões enchiam de trovões as arcarias do Circo!

OCTAVIA

E acabou?

PETRONIO

Não. Havia ainda muitos vivos. Abriram-se

as jaulas e sahiram os tigres do Euphrates, as pantheras de Java, ursos, lobos, hyenas, chacaes! A scena perdeu toda a apparencia de realidade! Entre os gritos, os urros, os rugidos, ouviam-se gritos, aqui e ali, pelas bancadas, gritos, entre dentes, de mulheres em espasmo, cujas forças se iam exgotando! Empallideciam os rostos e vozes gritavam: basta! basta! Um exercito de Numidas, armados de flechas, fez recolher as féras. Limpou-se a arena; as fontes jorraram aguas perfumadas e uma nuvem de adolescentes, vestidos de amôres, encheu o circo de petalas de rosas! Caso extranho e unico no circo: Nero desceu á arena, tomou a cithara e cantou um hymno!

LUCIO

E foi applaudido?

PETRONIO

Como sempre.

OCTAVIA

A mim era-me impossivel assistir a uma tarde de circo.

JULIA

E tu, Petronio, cujo gosto e prazeres teem um tão grande cunho de elegancia e de delicadeza...

PETRONIO

Comecei por dizer, bella Julia, que precisava de lá estar.

NERVA

E, a segunda?

LUCIO

Conta-nos a segunda.

PETRONIO

Foi menos interessante. Limitaram-se a queimar muitos e a sacrificar os restantes. Todo o prazer do espectaculo, para quem o achava, estava em gozar a morte lenta, a agonia das victimas! (Reparando) Por Pollux, eu deixo de contar, se apenas empregaes os vossos sentidos em me ouvir.

NERVA

Escutamos-te e comemos, ao mesmo tempo.

PETRONIO

Mas não bebeis. (faz signal; os escravos enchem as taças)

LUCIO

Conta a terceira.

OCTAVIA

É mais curiosa, a terceira tarde?

PETRONIO

Terrivelmente curiosa, para mim. Foi de noite. Na noite a seguir áquella em que Néro passeiou, entre crucificados christãos, breados, a arder, pelos jardins!

JULIA

Que crueldade!

PETRONIO

E quê cheiro! A peripecia extranha foi esta. Quando soaram as cornetas, correu-se a grade d'um subterraneo e um homem colossal, um Lygio, de côxas herculeas e braços, os musculos do peito que pareciam dois escudos unidos, tal era o relêvo, appareceu, na arêna! Quando se esperava que inimigo lhe dariam, abriu-se a grade fronteira e um toiro da Hespanha, negro como a noite, rompeu pelo circo, trazendo, atado ás hastes, no cachaço, o corpo semi-nú d'uma virgem christã. Lygia! rugiu o escravo ao conhecer

a rapariga! Lygia, tem coragem!... E, de espinha curva, rapido, cortando a terra, o olhar em braza, as mãos em garra... aproximou-se do toiro, e d'um salto, cahiu-lhe na frente, agarrando lhe os cornos! Fez-se um silencio profundo! Ouvir-se-hia o vôo d'uma môsca! Homem e toiro quedaram se na imobilidade do marmore, semelhantes a um trabalho d'Hercules, esculpido! Para se libertar do jugo, o toiro, fincando-se nas patas, dobrou-se, em arco: turgiam-se os musculos do homem a estalar a pelle que se fazia purpura! No peito de Néro, como no das vestaes, como nos do povo inteiro, os corações saltavam! Corria o suor pelas testas! A palavra expirava nos labios! Homem e toiro, n'um suprêmo esforço, dir-se-hiam pregados no solo! Estes momentos duraram séculos. Subitamente, ouviu se como um vagido surdo, e, como n'uma allucinação, os olhos viram a cabeça da fera, voltar, voltar, quasi imperceptivelmente... Ouvia-se o respirar offegante do homem; mas a cabeça do toiro continuava a voltar-se, lentamente, lentamente... quando, de subito, da bôcca sahe-lhe, pendida a lingua cheia de baba! Um momento mais... um ranger de vertebras... e n'um tremôr subito, o olhar baço, o pescoço estendido, como uma massa inerte, o toiro cahe!... morto!

NERVA

Por Jupiter, eis ahi um homem!

JULIA

Por Venus!

LUCIO

Por Hercules!

OCTAVIA

E, foram perdoados?

PETRONIO

O povo ergueu-se pedindo-o. Néro recuzava, quando, de subito, um bello rapaz, um guerreiro, salta á arena, rasga a tunica no peito, para mostrar as cicatrizes das batalhas e levanta os braços para o povo, cobrindo com o manto o corpo nú da christã. O povo rugiu improperios e Néro, com mêdo, cedeu.

JULIA

Quem era esse mancebo? Um amante?

PETRONIO

Um apaixonado, que a pretendera arrancar á prizão que tentava salval-a, ainda, nos subterraneos do circo, e que, sem esperança, estava a meu lado, branco como um cadaver!

JULIA

Chamava-se ?

OCTAVIA

Quem era ?

PETRONIO

Marcos Vinicio, o filho de minha irmã. Eis porque vos disse do começo, bella Octavia, que precizava de lá estar.

JULIA

Que tormentos d'amante !

PETRONIO

A felicidade é como a vida : nasce entre dôres !

NERVA

Que é feito d'elles ?

PETRONIO

Cazaram e foram para o campo, para a beira mar, afogar em beijos os terrôres e lagrimas passadas !

OCTAVIA

Que os Deuses os protejam.

PETRONIO

Pois brindemos aos Deuses pela sua felicidade.
(bebem)

JULIA

Amava-lo muito, Petronio ?

PETRONIO

Tanto, que arrisquei, por elle, o favôr de Cezar!

NERVA

Como ?

PETRONIO

Defendendo os christãos.

LUCIO

Os christãos ?

PETRONIO

Os christãos que me importavam ? Defendia Lygia e Marcos.

NERVA

Espantava-me que defendesses os Deuses estranhos.

PETRONIO

Nem os estranhos, nem os nossos.

LUCIO

Não amas os nossos Deuses ?

PETRONIO

Muito... para figuras de rethorica!

OCTAVIA

O que amais então no mundo, elegante sceptico?

PETRONIO

As arvores e as flôres; as joias e os perfumes; as estatuas de Praxiteles e os bronzes de Corintho; os vinhos velhos da Grecia e as mulheres novas... de toda a parte.

JULIA

Tendes amado muito.

PETROINO

E, ainda os livros, a poesia, os versos — excepto os de Néro—.

OCTAVIA

Dizem que os scepticos são, sempre, alegres.

PETRONIO

Será por isso que me esforcei por viver, sempre, alegremente, e o farei até ao fim... o que será facil... agora! (tomando a taça) A' Rainha de Chypre! por Eunice!

NERVA

Aos Deuses, pela felicidade de Petronio!

EUNICE, aparte a Petronio

Ao meu senhôr! (bebem os dois, sós)

PETRONIO, levantando-se um pouco sobre o leito

Amigos, perdoai-me o fazer-vos um pedido: eu quizera que cada um de vós se dignasse de acceitar a taça com que brindou aos Deuses e á minha felicidade. (toma a taça) Eis a taça do meu brinde á rainha de Chypre, por Eunice. Nenhuns outros labios beberão por ella; nenhuma outra mão ousará levantal-a, em honra de outra divindade! (atira-a ao chão e parte-se: espanto) Amigos, alegrai-vos. A velhice é a triste companheira dos nossos ultimos annos. Dou-vos um exemplo e um conselho.

NERVA

Que queres fazer?

PETRONIO

Gozar, beber, contemplar as fórmas divinas que repoisam a meu lado e adormecer, emfim, n'um sonho, cercado de rozas. Fiz já as minhas

despedidas a Cezar. Ouvide o que lhe mandei dizer, no meus adeus. (tira um rolo e lê) «Sei, divino Cezar, que me esperas impacientemente e que para premiares a minha ida para junto de ti, não duvidarias dar-me o comando das tuas guardas e fazer de Tigelino um almocreve, officio para que parece ter sido creado pelos Deuses! Pelo Hades e em particular pelos manes de tua mai, de teu irmão, de tua mulher, juro-te que me é impossivel ir. A vida é um thesoiro de que eu sube extrahir as mais preciosas joias; mas tem coisas, tambem, que confesso sou incapaz de suportar até ao fim! Não vás pensar que me indignou o assassinato de tua mai, de teu irmão, de tua mulher; que me revoltei contra o incendio de Roma; que me offendeu o teu processo de matar todos os homens honrados de teu imperio! Não; mas por largos annos ainda, deixar-me esfolar os ouvidos pelo teu canto, vêr as tuas pobres tibias escoicear nas danças pirricas, ouvir-te tocar, declamar, recitar a teu modo — pobre poeta d'agua dôce — semelhante perspectiva é superior a minhas fòrças. Resolvi morrer! Roma tapa os ouvidos; o universo cobre-te de gargalhadas! E, eu? eu não quero mais envergonhar-me de ti! O ladrar de Cerebero ser-me-ha menos penoso: não sou ami-

go d'elle, não tenho de córar pela sua voz! Goza e passa bem, mas deixa-te de musica! assassina, mas não faças versos! envenêna, mas para-te de dançar! incendeia as cidades, mas deixa em paz a cithara! Tal é o conselho do teu amigo, Petronio. (dá o rolo ao escravo) Queima esta carta e manda entrar o médico.

NERVA

...Mas é a morte!

LUCIO

E, nós ..?

PETRONIO, rindo sereno

Nada receieis. Nenhum tem necessidade de dizer que ouviu ler esta carta. (Faz signal ao medico que entra. Este passa-lhe no pulso uma anilha de oiro e com um estylete abre-lhe a veia radial).

EUNICE

Senhor, se os Deuses me dessem a immortalidade, se Cezar me desse um imperio, para te deixar, eu não faria nunca! Tenho pois o direito de ir comtigo... concede-m'o!

PETRONIO

Tu amas me, verdadeiramente, divina! Vem commigo, pois, se assim o queres.

EUNICE, alegre, estendendo o braço ao medico

Abre. (O medico faz o mesmo. O sangue corre. Eunice inclina se sobre o peito de Petronio).

PETRONIO

Phalerno! (Um escravo deita-lh'o) Servide antes, ás damas, o xaroposo Careno, ou o opalino Chio, que convida a amar! (Inclina se para Eurice) Não queres tu, Divina, que bebamos, na tua taça, pela ultima vez, aos Deuses, por toda a felicidade que nos deram?

EUNICE

Sim, meu senhor. (Bebem os dois).

O INTRODUCTOR

Marcos Venicio e Lygia.

PETRONIO

Bem vindos! (Ao medico) Não posso morrer ainda; estanca-me o sangue. (O medico liga-lhe o pulso, rapido).

MARCOS, entra

Salve senhores! salve Petronio.

TODOS

Salve Marcos!

TODOS

Salve Lygia!

NERVA

Salve, formosa Lygia!

PETRONIO aos dois que chegam junto d'elle

Salve! Salve! (Os escravos trazem duas cadeiras. Marcos e Lygia sentam-se). Que vieste fazer a Cumes, Marcos?

MARCOS

Escrevemos-te. Queriamos que fosses passar comnosco uns tempos na nossa casa da Sicilia. A tua carta entristeceu-nos. Resolvemos vir-mos buscar-te. És preciso á nossa ventura!

PETRONIO

Admiro o teu coração: como me admira que dois noivos se possam lembrar d'um amigo ausente.

LYGIA

Tu és para nós muito caro. Devemos-te a maior parte da nossa felicidade!

PETRONIO

Foi o vosso Christo quem vos salvou! (Levemente ironico).

LYGIA

Não rias...

PETRONIO

Oh, não; mas é preciso confessar que Ursus e o povo romano tambem fizeram alguma coisa para o caso.

MARCOS

Vem comnosco, Petronio.

PETRONIO

Não, feliz esposo da princeza Aurora: se eu tivesse desejo de ir para onde me queres levar, eu não o poderia fazer. Se alguma coisa depois da morte – ao contrario da opinião de Pyrrhon — subsiste e vive, a que animava o corpo da minha bella, de cabellos d'oiro, a minha Eunice, espera-me! (Indicando-a) Está morta! (Arranca a facha do pulso e aperta Euuice contra o peito).

MARCOS

Petronio!

LYGIA

Meu amigo!

PETRONIO

Não vos afflijaes! Para vós nasce a aurora da vida, para mim, pôz-se já o sol, cerca-me o cre-

pusculo! Tinha de ser: conheces Néro, comprehendes o resto. Vivi como quiz, morro como me apraz! Não vos afflijaes! A morte é um episodio da vida! Já vês, Marcos, que te enganas, se pensas que só o teu Deus dá a tranquillidade na morte! Vê como morro tranquillo. Platão diz que a virtude é uma musica e a vida do sabio uma harmonia! Se assim é, vivi e morro virtuoso. (Toma a taça) Permitte, virtuosa Lygia, que me despeça de ti, com as palavras com que te saudei, na primeira vez que nos vimos. «Vi durante a minha vida povos sem conto, mas uma mulher que te egualasse, eu não vi nunca!» (Aos dois) Se eu tenho uma alma, ella irá poisar junto á vossa casa, na forma d'uma borboleta, ou, como querem os egypcios, na de um falcão. Só, assim, irei. (Levantando a taça e todos) O ultimo brinde aos noivos. (A voz enfraquece levemente) Que a terra de Sicilia se metamorfoseie para vós n'um jardim dos Hesperides, que os Deuses dos campos, dos lagos, das fontes, façam nascer as flores sob os vossos pés, e que em todos os acanthos dos vossos pyristilos vivam e noivem, eternamente, as pombas brancas! (Bebe e todos. Inclina-se a beijar a cabeça d'Eunice).

O INTRODUCTOR

Um servo de Numa.

PETRONIO

Outro?

O SERVO

Nobre Petronio. Chego de Roma a toda a brida, mandado por Numa, meu senhor, dizer-te...

PETRONIO

O quê?

O SERVO

Revoltou-se Vindex, com as legiões da Galia. A guarda pretoriana, amigos, escravos, todos abandonaram Cezar. Todos fugiram do palacio e o deixaram só! Só, de mêdo, suicidou-se!

PETRONIO

E' tarde! (Desmaia e morre sobre a cabeça de Eunice).

MARCOS

Que dôr!

VOZES

Mortos! O bom Petronio! A bella Eunice!

MARCOS

Sabeis, vós, amigos, o que morreu? O mundo romano: a Graça e a Belleza!

LYGIA, joelhando

Ó Christo! tende piedade das suas almas!

(O PANNO DESCE, LENTO)

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO